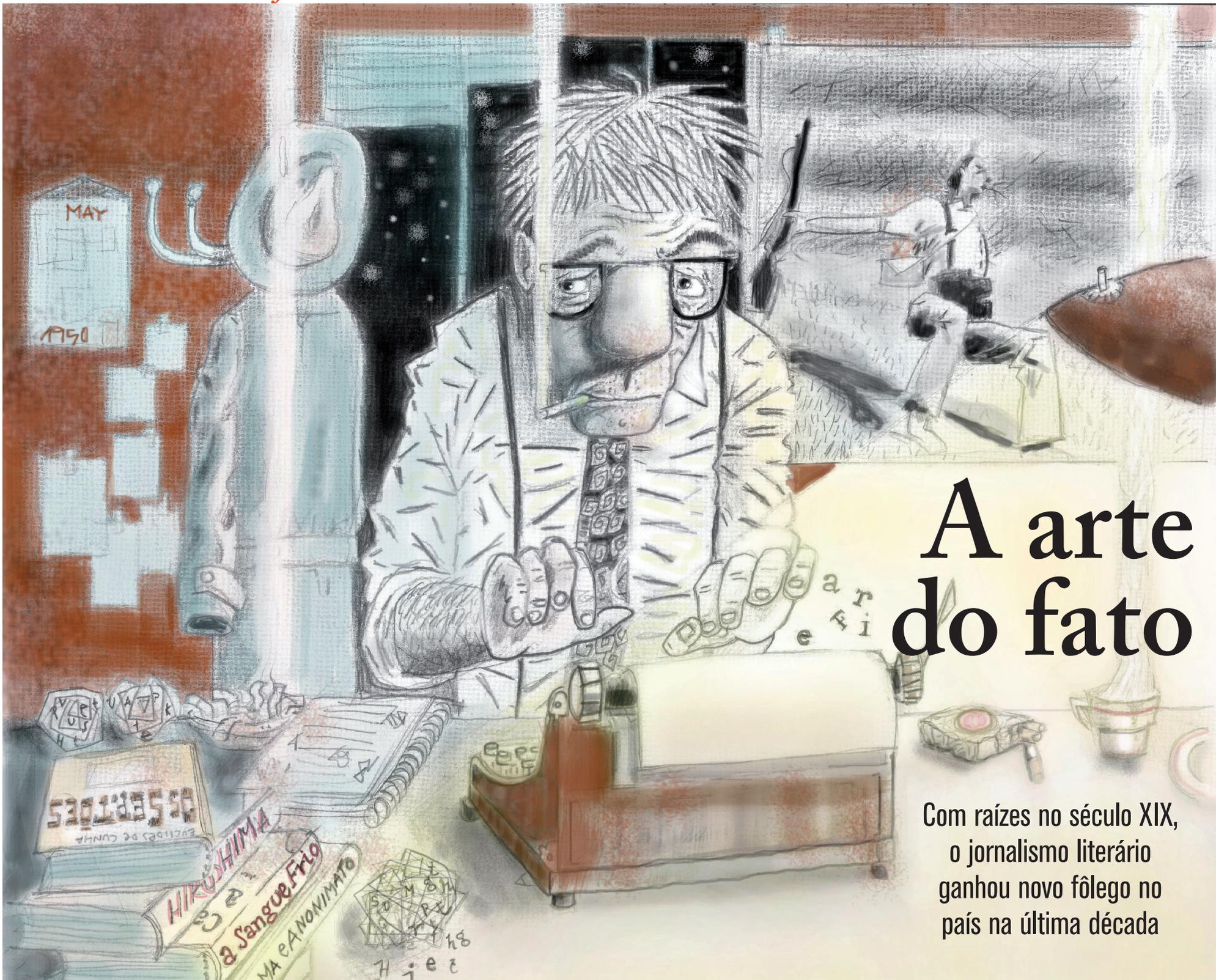


JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rafael Antún



A arte do fato

Com raízes no século XIX,
o jornalismo literário
ganhou novo fôlego no
país na última década

• Entrevista | Eliane Brum • Conto | André Sant'Anna • Poema | Jussara Salazar •

EDITORIAL

Há pelo menos dez anos o Brasil viu crescer o interesse por um gênero que tem sua origem nos romances da segunda metade do século XIX, em que se verificou a ascensão do realismo na ficção. Trata-se daquelas narrativas de “não ficção” que, devido a sua qualidade estética, ganharam *status* de obra literária. Ainda que essa relação entre jornalismo e literatura remeta aos romances de Charles Dickens e Balzac e, no campo nacional, à obra mais importante de Euclides da Cunha, *Os sertões*, foi com a geração de Truman Capote e Tom Wolfe que a literatura feita a partir de fatos reais passou a ser reconhecida como um gênero literário, ganhando fama e leitores sob a controversa alcunha de “jornalismo literário”.

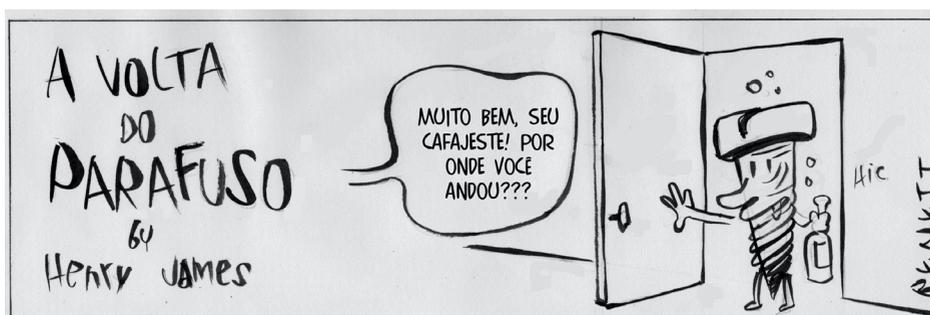
É sobre essa definição ainda nebulosa e o crescente interesse dos leitores brasileiros por essa literatura, abrigada em uma zona cinzenta entre ficção e jornalismo, que escreve Sergio Vilas-Boas, um dos nossos maiores especialistas no assunto. “No Brasil, o contexto nunca foi tão favorável ao estudo e à prática do jornalismo literário”, diz o autor de *Biografismo*. “O lançamento de revistas como *Piauí*, *Brasileiros* e *Rolling Stone*, na década passada, também ajudou a reacender o interesse do público pela narrativa jornalística detalhada, fortalecida por componentes literários. A receptividade foi tanta que muita gente até pensou que se tratava de uma coisa nova. Mas o JL existe há mais de um século.”

A edição de fevereiro do *Cândido* ainda traz entrevista com a jornalista e escritora Eliane Brum, matéria sobre as revistas mais importantes do Paraná no século XX e os melhores momentos do papo que o jornalista e escritor Luís Henrique Pellanda teve com Sérgio Sant’Anna, no oitavo encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2011. A família Sant’Anna ainda aparece na seção de inéditos, com conto de André Sant’Anna, filho de Sérgio.

Boa leitura a todos.

HUMOR

BENETT



CARTAS

Acompanho o *Cândido* desde o primeiro número e sugiro um nome para a seção de entrevista. Refiro-me ao André Vianco, que começou na literatura de maneira bastante incomum e, além disso, trabalha com alguns temas que estão entre os preferidos da sociedade contemporânea. Acompanhei o encontro com o Marçal Aquino no projeto “Um Escritor na Biblioteca” e, na ocasião, ele falou sobre o tipo de livro que o jovem gosta de ler, citando a preferência de sua filha (histórias de vampiros). A postura do escritor me lembrou uma entrevista publicada no *Rascunho* de outubro de 2011, em que o Paulo Venturelli fala sobre o processo criativo na literatura e cita o Pentecostes e a Maria Padilha. O projeto e o jornal cumprem seu objetivo quando disponibilizam o pensamento de pessoas como Venturelli e Aquino.

Jorge Luiz Santos – Via e-mail.

Foi com muito entusiasmo que recebi a edição nº 4 do jornal *Cândido*, uma das maiores surpresas literárias de 2011. Se as publicações voltadas para a literatura são poucas, ainda mais raras são as que discutem a literatura contemporânea. Como contista em começo de jornada, gostei especialmente da matéria dedicada à narrativa breve. Concordo com quem acredita que o conto continuará, nem que seja à margem do mercado editorial. Aliás, a literatura de qualidade é, cada vez mais, sinônimo de resistência. Vida longa ao *Cândido*!

Eduardo Sabino – Via e-mail.

EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior.
Redação: Daniel Zanella, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminica e Guilherme Sobota. Fotografia: Kraw Penas. Projeto gráfico e diagramação: Versão Design. Colaboradores desta edição: André Ducol, André Sant’Anna, Benett, Irineo B. Netto, José Marconi, Rafael Antón, Rômulo D’Hípólito, Sergio Vilas-Boas e Jussara Salazar.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.
Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.
Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao *Cândido*, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do *Cândido*, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

BIBLIOTECA AFETIVA

Acho que o coração de quem gosta de ler é cheio de afetos, lembranças e evocações de milhares e milhares de... o quê, enredos, poemas, personagens, situações? Sensações, palavras? Não sei. Mas é cheio. E é difícil tirar um pedacinho que seja do coração. E nem se sabe quais são as delicadas e sinuosas ligações de tudo dentro dele. Mas meu coração bateria diferente – e não sei como bateria – sem *Os irmãos karamázov*, *Coração das trevas* e *Doutor Fausto* (nas traduções de “Boris Solomonov”, a renegadinha do Schnaiderman, Albino Poli Jr. e Herbert Caro).

Denise Bottmann atua como tradutora de inglês, francês e italiano desde 1985, nas áreas de ciências humanas, história da arte, teoria e história literária. Vive em Registro (SP).



Divulgação

Eu poderia citar qualquer uma das obras de Jorge Luis Borges, autor com quem vivo uma relação de eterna releitura. Mas escolho *Ficções*, que reúne alguns dos meus contos favoritos, como “Pierre Menard, autor do Quixote” e “O jardim das veredas que se bifurcam”. Por uma estranha mania, toda vez que viajo, acabo levando esse livro junto. Não sei explicar a razão, mas é bom se afastar de casa na companhia de Borges.

Schneider Carpeggiani é jornalista e editor do suplemento literário *Pernambuco*. Vive em Recife (PE).



Divulgação

Há alguns anos fui contratado por uma multinacional de transporte modal para filmar a descarga de um navio no porto de Rio Grande. Saímos de Porto Alegre para fazer um transbordo em Santa Maria e seguir adiante, mas as condições do tempo (chuva, raios e relâmpagos) nos impediam de continuar voando. A companhia disponibilizou uma van para nossa equipe seguir via estrada. Peguei emprestado de um amigo de trabalho *No caminho de Swann*, do Marcel Proust. O encantamento foi imediato. A maneira delicada e precisa de tratar os temas, de movimentar o tempo externo/interno, a criação de um universo histórico pessoal de memória afetiva, enfim, uma escritura perfeita. Para um cara que se considera meio vagabundo para ler, embora seja louco por literatura e música, foi bem bacana.

Beto Carminatti é roteirista, escritor e diretor de cinema e TV. Dirigiu o longa-metragem *Mistérios*, baseado na obra de Valêncio Xavier, e o documentário *As muitas vidas de Valêncio Xavier*. Vive em Curitiba (PR).



Divulgação

Guerra e paz, de Leon Tolstói, além de ser um lindo romance, retrata um pouco da história do século XIX – as guerras empreendidas por Napoleão Bonaparte, sua campanha pela Áustria, a invasão da Rússia pelo exército francês e a sua retirada. O livro também mostra o cotidiano dos soldados e servos e as tradições religiosas da época. A riqueza e o realismo dos detalhes fazem com que o romance seja considerado um dos maiores livros da história. Vale a pena ler.

Vilma Aparecida Gural Nascimento é bibliotecária e Assessora Técnica da Direção da Biblioteca Pública do Paraná. Vive em Curitiba (PR).



Kraw Penas

CURTAS DA BPP

Documentário contará a história da BPP

Kraw Penas



No dia 7 de março de 2012, a Biblioteca Pública do Paraná comemora 155 anos de história. Fundada em 1857, a BPP é uma das bibliotecas públicas mais antigas do país. Para comemorar a data, a emissora de televisão E-Paraná vai realizar, em parceria com a própria BPP, um documentário de 30 minutos contando a história da instituição, que já teve 13 sedes e 41 diretores. O média-metragem vai reunir material de arquivo e depoimentos de funcionários e outras personalidades, que vão narrar os momentos importantes e marcantes da história de uma das instituições mais queridas da cultura paranaense.

Rede lógica e elétrica da BPP será ampliada

Começou no dia 26 de janeiro a ampliação da rede lógica e elétrica da Biblioteca Pública do Paraná. A reforma possibilitará a instalação de novos terminais de consulta e a retirada dos fichários no *hall* de entrada da biblioteca. Dezesete anos depois da instalação, esta é a primeira vez que a rede lógica e elétrica passa por uma ampliação. Esse é também o primeiro passo para a instalação da rede *Wi-Fi*, que deve acontecer ainda em 2012.

Exposição Floresta Atlântica

A té o dia 17 de março, quem for à Biblioteca Pública do Paraná poderá visitar a exposição “Floresta Atlântica”. Resultado da parceria entre a BPP e o SESC-PR, a mostra apresenta obras de ilustração botânica desenvolvidas por artistas e ilustradores científicos do Centro de Ilustração Botânica do Paraná (CIBP). Os trabalhos expostos, feitos em aquarela, guardam uma íntima relação entre arte e ciência e reproduzem espécies da flora paranaense, demonstrando consciência e empenho na preservação da natureza e da biodiversidade. A exposição acontece no hall de entrada da BPP. Entrada gratuita.



Sérgio Sant'Anna

Oitavo convidado do projeto "Um Escritor na Biblioteca", o autor do clássico *A senhorita Simpson* fala sobre sua predileção pelas narrativas breves e como concebeu *O livro de Praga*, seu mais recente trabalho, ganhador do prêmio Clarice Lispector em 2011



Sérgio Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1941. Apesar da formação em Direito, sempre se dedicou à literatura, nos mais diversos gêneros, do romance (*Um crime delicado*) ao teatro (*Um romance de geração*). Mas foi como contista que o escritor se consagrou, com livros como *A senhorita Simpson* e *O voo da madrugada*, este último ganhador do Prêmio Jabuti de 2003. “Tenho muito mais tendência à narrativa curta do que ao romance. No romance, existe uma vocação. Comigo é o contrário, tenho uma tendência à concentração. Inclusive, tem uma coisa que eu sei explicar: o conto me permite experimentar mais”, disse o escritor durante o oitavo encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. Seu mais recente livro, *O livro de Praga*, integrante da coleção Amores Expressos, ganhou o Prêmio Clarice Lispector, concedido pela Biblioteca Nacional, de melhor coletânea de contos. Sant'Anna está traduzido para o alemão, o italiano e o espanhol. Também já teve seus trabalhos adaptados para o teatro e cinema. O autor viveu grande parte da vida no Rio de Janeiro e, atualmente, mora no bairro das Laranjeiras, perto da sede do Fluminense, seu time do coração. Durante o papo, mediado pelo jornalista e escritor Luís Henrique Pellanda, Sant'Anna ainda falou sobre a sua formação de leitor, feita basicamente em casa, na biblioteca dos pais, sobre as traduções do seu trabalho em outros países, seu processo de escrita e a forte carga sexual que envolve suas histórias.

Leituras na infância

Na minha casa havia uma vastíssima biblioteca, meus pais liam muito. Eles liam em três línguas — português, inglês e francês. No princípio, quando a gente era criança, eles nos davam os livros, coisas mais adequadas à faixa etária, como Monteiro Lobato. Depois, os livros ficavam lá na prateleira. Inclusive, minha mãe chegava a proibir alguns títulos. Ela era religiosa, tinha o *Index* da igreja católica. Mas a gente lia mesmo assim. Então, realmente, a biblioteca que me fez a cabeça foi a biblioteca da minha casa. Através de algumas indicações, comecei a ler muito cedo livros de autores bons, como Kafka, por exemplo.

Papel da família

Em 1953, 1954, moramos na Inglaterra, porque meu pai estava lá. Essa viagem abriu muitos horizontes, inclusive para a literatura. Porque aí comecei a ler em outra língua com mais tranquilidade. Essa formação de casa foi fundamental. Quando fui morar já por minha conta, quando me casei, aos 21 anos, minha mulher também gostava de ler, então logo formamos uma biblioteca. De maneira que os dois filhos que nós temos também se interessaram por literatura. Acho essa a formação mais importante, em todos os aspectos educacionais. É claro que o colégio é importantíssimo. Eu, por exemplo, fui matriculado por meu pai num colégio de irmãos maristas. A leitura lá era zero. Se eles por acaso pegassem você lendo um livro, tomavam. Meu pai fracassou redondamente aí. O André [Sant'Anna], meu filho, que já é um escritor conhecido, sempre teve leitura em casa. Mas, claro, a criança também tem que fazer por si.

Hábito de leitura

Ler, para mim, é um vício, não posso dormir sem ler pelo menos um pouquinho. Eu assino TV a cabo em casa, mas não é muito boa. Às vezes acho bom a televisão ser ruim, porque aí eu vou para

o meu quarto e leio. Quer dizer, é uma rotina que faz parte da minha vida, e vem lá daqueles tempos de infância. Espero que os meus descendentes criem isso também, porque é cultura, que só faz bem, não faz mal a ninguém. Nunca tive uma relação íntima com a biblioteca fora de casa, até porque eu não precisava. Tinha tanto livro em casa, que não era preciso ir à biblioteca atrás deles.

Produção atual

Estou escrevendo umas histórias novas, sendo que uma delas é passada em 1955. Nessa época, eu frequentava futebol alucinadamente. Vi o Garrincha jogando, de perto. Só que essa história embatucou, porque para escrevê-la eu teria que frequentar a biblioteca para fazer pesquisas periódicas. Por melhor que seja a minha memória — nesse sentido minha memória é boa, sou capaz de lembrar com exatidão um gol que vi em 1955 —, ela não é perfeita. Então, agora estou retomando um rascunho porque a internet já está permitindo isso. Quase todas as perguntas, dúvidas, que eu possa ter, vou lá no Google e ele responde. Inclusive nesse conto, tem um negócio bastante interessante: o personagem é um jogador de futebol, mas um jogador com um nível cultural mais alto, ele é meio farrista, tem um universo um pouco mais amplo e é amigo de um jockey, o Francisco Origona, que de fato existiu. Esse Francisco tem um dos eventos mais estranhos da história policial do Brasil: ele estava andando na rua com o sobrinho, em Copacabana, quando parou um carro e sequestrou os dois, que nunca mais foram vistos. Dizem que o carro era da polícia e que o sobrinho estaria envolvido com drogas. Talvez eu esteja agora passando informações que peguei no Google. Essa informação estava me deixando incomodado, porque conversei com amigos ligados a corrida de cavalo, e parece que o pessoal tem medo de falar desse Origona, porque ele era barra tão pesada... Mas era um ho-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

mem interessantíssimo. Além de ser um dos melhores jockeys do país, frequentava o Copacabana Palace, entrou em listas de pessoas mais elegantes, enfim, um figurão que de repente desapareceu. É um personagem interessante para botar num conto.

Relação com o objeto livro

Meu apartamento é o que se pode chamar de caos. Só não perco o que escrevo porque ponho num lugar certo, que sei onde é. Primeiro escrevo à mão, para depois passar pro computador. Agora, quanto à biblioteca, minha casa foi tomada de um modo tal por livros, que tive que começar a me desfazer deles. Não tem espaço, é impressionante. Me desfaço de livros, mas sempre começa a chegar mais. Já aconteceu várias vezes desmoraamento de livros nas mesas. Também não tenho muito cuidado com o livro, rabisco e tal. Está chegando a época dos *e-books* e estou começando a achar que isso vai dar certo. Aquilo está se tornando cada vez mais confortável para ler. Pode até ler deitado. Tenho impressão que talvez você não precise acumular os livros. Porque mudou a cabeça das pessoas, somos seres diferentes hoje em dia por causa dos computadores. Antigamente, você tinha que fichar tudo, a informação intelectual, científica, conservava na própria mente. Agora, de certa forma, você liga alguns botões e consegue o que quiser. Se eu quiser ir à Tate Gallery, por exemplo, ver os quadros, vejo. E sempre fui de com-

prar livro de arte, aqueles livros caríssimos, imensos. Agora vou lá na internet e vejo os quadros. Então, acredito no futuro dos livros eletrônicos.

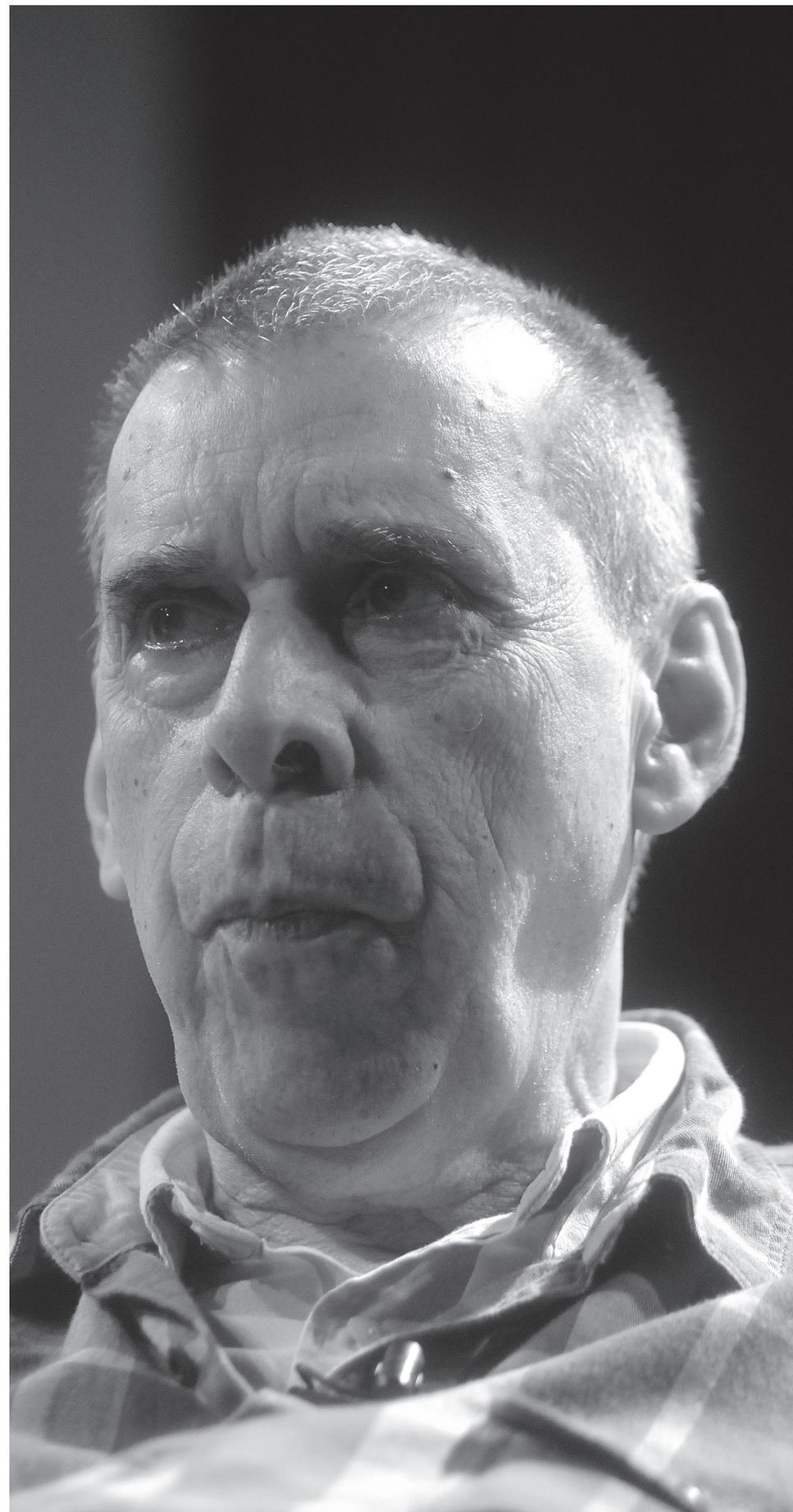
O livro de Praga

Acho que realmente houve um excesso de sexualidade no livro. Não sei explicar o porquê. Tenho assim uma vaga noção. Primeiro, botei um personagem para viver episódios. O primeiro episódio me veio à cabeça daquele jeito: o cara vai a uma audição de piano, mas esse concerto acaba descambando para a sexualidade. Isso aí me deu o tom para o livro todo. Aí fui escrevendo narrativas — não são contos, são narrativas, porque são interligadas. E todas têm uma carga grande de sexualidade. Engraçado, porque é uma questão da fantasia, pura e simples. Passei um mês em Praga. E passei um mês flinando lá, absolutamente sozinho. Nem namorada eu tinha, nada. No entanto, fui anotando o que via e assim foi saindo o livro. Então, há coisas que a gente não sabe exatamente explicar por quê. O próximo livro que vou escrever, acho que para 2012, terá três histórias grandes. Uma delas tem uma carga erótica maior. Mas as outras duas não.

Carga de sexualidade

Eu estava em Praga à toa, com papel e caneta na mão, passeando pela cidade — o que, aliás, vale a pena, quem conhece Praga sabe que é uma cidade maravilhosa, belíssima — e vi um anún-

“Essa troca que eu tenho com o André [Sant’Anna] existe desde que ele tinha quatorze ou quinze anos. A mãe dele mora em Ubatuba e ele acabou indo morar comigo no Rio. Desde essa época ele lê.”



cio com o nome de Andy Warhol. Pensei que seria um museu, fui lá. Cheguei e, de fato, havia uma exposição do Andy Warhol naquele lugar. Vi a exposição, depois fui até o segundo andar. Para ir ao segundo andar, tinha uma escada. Isso é para ver como o cérebro da gente funciona. Imediatamente me veio à cabeça que naquele lugar haveria uma pianista e ela se envolveria com o meu personagem, com uma sexualidade total. Agora, por quê? Eu jamais poderei explicar. A exposição do Andy Warhol não tinha nada de erótico, pelo contrário, tratava da morte, de desastroses, do assassinato do Kennedy, pessoas com fins trágicos, fotos de acidentes de automóvel. E, no entanto, me levou a isso. Aí, a primeira narrativa sendo assim, a segunda foi puxada para isso também. Então, as coisas que estão sempre comigo, como sexo e morte, aparecem nesse livro também. Tiveram uma presença forte. Uma coisa que eu pensei que fosse evitar, mas há uma referência ao Kafka, também. Claro, cidade do Kafka, ele vem à cabeça. Pois eu acabei criando uma narrativa que é o seguinte: meu personagem vai assistir a um espetáculo em que há uma mulher nua, com um texto falso de Kafka tatuado no corpo dela. É uma das narrativas de que mais gosto no livro. A mente humana tem uma expansão que se você não segurar, se deixá-la solta, ela pode te levar para os caminhos mais absurdos possíveis. Nesse caso, entrou para uma sexualidade fortíssima.

Reações dos leitores

O livro provoca rejeições, mas também adesões muito grandes. Porque as pessoas falam que é um livro que tem graça e elaboração de escrita. Porque uma coisa é você ter ideia, outra coisa é escrever a ideia. Aliás, outra coisa em que a leitura é fundamental: quem quer escrever precisa acumular uma bagagem de leitura muito grande, para que possa elaborar seus textos, trabalhá-los, para que tenham qua-



lidade de chegar ao público por uma grande editora.

Repercussão do livro

Tive grande surpresa quando a grande imprensa — os três maiores jornais do país, a *Folha de S. Paulo*, o *Estadão* e o *Globo* — publicou página inteira, entusiasmadíssima, sobre o livro. Isso tudo no mesmo dia. Quando eu vi aquilo, disse pra mim mesmo: “não é possível”. Esperava que os críticos viessem contestando. Houve um, por exemplo, de Pernambuco, que contestou o livro. Mas recebi isso por e-mail, quer dizer, é uma coisa que não tem o peso de uma página da *Folha de S. Paulo*. Agora, entre os leitores, sei direitinho, porque às vezes o silêncio é significativo. Mas tudo bem, o leitor é soberano. Tive coragem para fazer e as pessoas têm todo o direito de não gostar do livro. Eu

não gosto de alguns, e inclusive paro no meio se não estiver gostando. Mas com *O livro de Praga* eu sabia que corria mais riscos do que normalmente.

Predileção pelos contos

Me dou melhor com formas mais breves. Tenho muito mais tendência à narrativa curta do que ao romance. No romance, existe uma vocação. Tem gente que é romancista quase nato. Tem gente que cria, que puxa aqueles fios da meada, por exemplo, a saga de uma família inteira, que encontra personagens secundários desenvolvidos. Comigo é o contrário, tenho uma tendência à concentração. Inclusive, tem uma coisa que eu sei explicar: o conto me permite experimentar mais. Eu gosto de ser lido — não é experimentação no sentido de tornar o livro absolutamente ilegível. É

“ Me dou melhor com formas mais breves. Tenho muito mais tendência à narrativa curta do que ao romance.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

experimentação no sentido de procurar formas novas para cada livro. Por exemplo, o livro de 2012 não terá nada a ver com o livro de 2011. É uma outra história. Faria de novo *O livro de Praga*, mas se eu fosse viajar para outro lugar, para fazer outro livro, seria um livro completamente diferente.

Aceitação do conto

Que o público prefere romance, prefere. Isso aí não tem dúvida. Como na novela de televisão, o público gosta do encadeamento, de acompanhar uma história e tal. Um dos maiores escritores do mundo, o [Jorge Luis] Borges, por outro lado, só escreveu contos. Esse livro que vou publicar, provavelmente em 2012, são três novelas, que é outra coisa de que gosto muito. Que fica entre o conto e o romance. Me agrada mais do que o romance. Leio conto numa boa, acho um grande tesão ler um bom conto. O Paraná, por exemplo, é a terra do [Dalton] Trevisan, que eu adoro, e que não é só um contista, é um mini-contista também. Ele reduziu a literatura a um mínimo divisor comum. No entanto, é um dos maiores escritores do Brasil, senão o maior. Se você falar que o Dalton Trevisan é o melhor escritor do Brasil, ninguém vai ficar espantado.

Novelas

“O Gorila”, que está no livro *O voo da madrugada*, é um tipo de texto que gosto de escrever, que considero uma novela. É um cara que telefona para as mulheres, mas não é nenhum grosseirão, é um outro tipo de papo, uma conversa mole. Isso vai ser filmado, provavelmente no início de 2012. Mas tem o seguinte problema: “O Gorila” foi escrito em uma época de transição, em que o celular era uma coisa relativamente rara. E tem um pedaço dele que é passado no réveillon e há telefonemas para residências. Um cara que telefona para as pessoas, como o Gorila faz, seria pego no primeiro dia. Tem que avisar o cineasta. Tem que falar: “olha, essa

“ Acho que querer ser escritor é um ato de vontade, mas que a pessoa tem que fazer jus a isso. É impossível ser escritor sem ler.”

“ Sempre escrevo à mão. Refaço a escrita no computador quando ela está decente, boa. Faço isso algumas vezes.”

história não pode se passar agora, porque agora todo mundo teria celular”. Essa coisa de passar trote para os outros não existe mais, a não ser que passe de orelhão. Mas um personagem como o Gorila não tem como fazer aquilo do orelhão.

Adaptação de “O Gorila”

O primeiro roteiro que o Rodrigo Teixeira [dono da RT Features] me mandou era muito ruim — e falei isso para ele. Depois, mudou o roteirista, agora eu não sei. Tem horas que prefiro não saber. Porque cinema envolve tanto problema. *A senhorita Simpson*, um outro dos meus livros de contos, também foi adaptado. Ele virou um filme chamado *Bossa Nova*, do Bruno Barreto, que pouco tem a ver com a minha história. Se eu estou zapeando pela televisão e caio num canal que está passando o *Bossa Nova*, cliço imediatamente para sair dali. Não quero ver nem dez segundos daquele filme. Ele botou uma história romântica entre o Antônio Fagundes e aquela americana [Amy Irving]. É fogo. Escritor e cinema é um troço complicado. Ao mesmo tempo, é um negócio que envolve bastante dinheiro, e a gente precisa viver. O Rodrigo Teixeira me pagou R\$ 40 mil pelo “Gorila”. Não é de se jogar fora, né?! Torço para que seja bom.

Processo de escrita

Faço muita anotação. Teve uma época em que anotava muito em maço de cigarro. Outro dia, achei um maço de Galaxy com umas anotações que nem sei mais o que são. Como atualmente não trabalho na rua, não anoto quase nada. Se estiver com um livro na mão, e surgir uma ideia, anoto no livro mesmo. Sempre escrevo à mão. Refaço a escrita no computador quando ela está decente, boa. Faço isso algumas vezes. Às vezes uma só página foi reescrita vinte, trinta, quarenta vezes. Agora, na hora que chega ao computador, a coisa já está pronta. Acho que é uma coisa de geração, não fui acostumado a escrever no computador, se bem que em uma época, usei a máquina de escrever. Depois, voltei para a mão. Meu livro *Simulacros*, por exemplo, foi escrito no meu trabalho. Eu trabalhava na Justiça do Trabalho. Mas eu trabalhava também, fazia as duas coisas. Não é que eu fosse um cara totalmente relapso. O serviço que eu tinha para fazer, fazia, dava informação em processos, etc. Escrevia no tempo que me sobrava.

Traduções

Sou publicado na República Tcheca há muito tempo. É uma das coincidências da minha vida. A Pavla Lidmilová, uma senhora muito culta e tradutora do português, me publica desde que sou jovem autor, em revistas e tal. E agora, recentemente, publicaram um livro meu, que são contos tirados de vários livros. Chama-se *O voo da madrugada*, em tcheco.

Relação com o filho

Essa troca que eu tenho com o André existe desde que ele tinha quatorze ou quinze anos. A mãe dele mora em Ubatuba e ele acabou indo morar comigo no Rio. Desde essa época ele lê. Ele foi o primeiro a ler *O livro de Praga*, o primeiro a dar força, falou para eu publicar porque o livro era bom. Depois minha namorada também me disse isso. E eu também sou muito interessado no

que ele escreve. Apesar de ser o pai dele, tenho o direito de falar isto: gosto bastante do que o André escreve. Leio com maior atenção, eventualmente também mando uns originais para ele, trocamos numa boa. Acho até um privilégio poder ter uma relação desse tipo, porque, de repente, você tem um filho que não se interessa por nada, ou que contesta tudo. Suponhamos: eu sendo escritor e o meu filho comesse a escrever, e acontecesse, como acontece várias vezes, de ele não escrever bem. Não é o caso, mas seria chato. Eu ia ficar grilado.

Originais de jovens escritores

As pessoas mandam material, mas atualmente evito ler. Se a pessoa quer me mandar um livro, eu peço para mandar um conto. Porque é questão de espaço físico e mental, tenho que fazer meu trabalho. E tem muita gente escrevendo. Eu até gostaria de ajudar todo mundo, mas não é fácil, porque às vezes a pessoa manda uma calhamaço. Tese sobre o meu trabalho tem de montão, não consigo ler quase nada. Até não tenho tanta curiosidade de saber o que escreveram a meu respeito na universidade. Mas fico bastante contente que façam.

Escolha por Praga

Foi simples: me ofereceram e eu aceitei prontamente. Eu já tinha ido a Praga em 1968, quando ainda era um país comunista. Na época queria exatamente conhecer um país comunista. Então eu já tinha a noção do que encontraria naquela cidade tão bonita. Realmente, é uma das cidades mais bonitas do mundo, tem um clima ótimo. Fora

“ Se você falar que o Dalton Trevisan é o melhor escritor do Brasil, ninguém vai ficar espantado.”



Sérgio Sant'Anna fala sobre sua obra na oitava edição do projeto "Um Escritor na Biblioteca" em 2011.

isso, agora Praga está muito mais aparelhada para receber pessoas.

Amores Expressos

Li muito pouco. Li o do Bernardo [Carvalho], e gostei. Li o do Joca Reiners Terron, gostei também. E eu acho que foi só isso. Não saíram muitos também.

Transição de leitor para escritor

A partir da adolescência, sempre tive essa vontade. Acho natural você viver no meio de livros e ter essa curiosidade. Será que eu consigo, será que não consigo? Eu fazia poemas e jogava fora. Não fazia nada que achasse bom. O que de fato levou a me tornar um escritor profissional, digamos assim, foi o fato de eu estudar na faculdade de Direito. E lá, certo dia, houve um concurso de contos. O júri era formado pelo Murilo Rubião, o Afonso Ávila e o Deo Brandão, escritores

bastante conhecidos em Belo Horizonte. Aí eu consegui escrever um conto do princípio ao fim, entrei no concurso e tirei segundo lugar. Fiquei contentíssimo, eles fizeram anotações nos contos, falando o que eu tinha e o que não tinha. Agora, acho que querer ser escritor é um ato de vontade, mas que a pessoa tem que fazer jus a isso. É impossível ser escritor sem ler. Acho que o escritor tem que ler, mas também não é só ler. Tem que ver teatro, cinema, tudo aquilo que enriquece a imaginação, a cultura em geral. A minha literatura é muito feita daquilo que eu pego de artes plásticas, teatro. Por exemplo, nesse *O livro de Praga*, fui ver um espetáculo de luz e sombra, que é uma coisa muito bonita.

Primeiro livro

Meu primeiro livro veio com muita dificuldade [*Sobreviventes*]. Eu não republicaria. Publiquei por conta própria, fiz um

esforço tremendo para escrevê-lo, tem vários contos do livro que eu renego frontalmente. No meu primeiro livro não tem um diálogo sequer. Eu achava impossível escrever diálogo. Um dia, lá pelas tantas, consegui. Aquilo começou a vir com naturalidade. Deve ter sido a bagagem interior que veio com a leitura, com o teatro, que ajuda muito a gente com esse negócio de diálogo.

Murilo Rubião

A obra dele é fantástica e ele também é um escritor — como o Afonso Alves costumava dizer — machadiano. Rigoroso. O Murilo escreveu pouquíssimo, às vezes levava muitos e muitos anos para escrever um conto. Ele começava um conto agora e ia terminar 20 anos depois. O Fernando Sabino que conta isto: ele esteve com o Murilo em um outro país, viu um papelzinho do Murilo rabiscado em que estava escrito “convidado”. Esse conto veio a ser feito 20 anos depois. Era uma figura muito interessante.

Literatura brasileira

Hoje existem muitos eventos e concursos, que muitas vezes premiam autores com uma boa grana. O Jabuti é um prêmio pão-duro para chuchu, né? O escritor que ganha leva R\$ 3 mil. Para você tirar o prêmio de melhor contista do ano, R\$ 3 mil é ridículo. Mas acho isso [concurso] bom, quanto mais, melhor. Porém, acho que não necessariamente o prêmio vai definir o escritor. Tem escritor que pode não ser premiado e ser melhor do que todo mundo. Tem escritor que está adiante do seu tempo. Tem escritor que não consegue publicar seus livros, vai ver tempos depois era dos melhores, como o caso do Kafka. Fernando Pessoa publicou apenas um livro em vida. Mas este momento da literatura brasileira é bom, tem muitas coisas acontecendo. Tudo isso que chama atenção para a literatura e leva as pessoas a lerem mais. Se as pessoas lerem os vencedores do Jabuti, que é uma lista respeitável, já vale a pena. ■

“ Quem quer escrever precisa acumular uma bagagem de leitura muito grande, para que possa elaborar seus textos, trabalhá-los, para que tenham qualidade de chegar ao público.”

Paraná em revista

Publicações paranaenses ajudaram a contar a história do Estado ao longo do século XX

DANIEL ZANELLA

Quando Cândido Lopes editou, em 1854, o primeiro jornal paranaense, o *Dezenove de Dezembro*, deu início a uma rica tradição de periódicos que, décadas depois, ajudariam a contar a história do Estado ao longo do século XX. Além de jornais, como o próprio *Dezenove de Dezembro* e *O Dia*, diversas revistas marcaram a vida dos leitores paranaenses.

São publicações heterogêneas, como a *Ilustração Paranaense*, que militava a favor do Paranismo, e a *Joaquim*, que nasceu justamente para contestar o fervoroso bairrismo que permeava as discussões culturais no Estado, especialmente na capital Curitiba. Mas havia espaço ainda para revistas de variedades, como *Panorama*, e até publicações mais segmentadas, como o *Paraná Econômico*. Essas revistas fazem parte do acervo de mais de três mil títulos de periódicos da Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná (BPP).

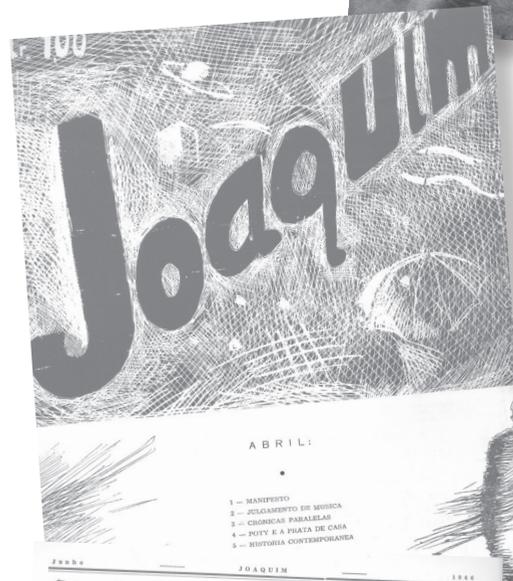
Editada pelo fotógrafo e cineasta João Batista Groff no auge do Paranismo — movimento de exaltação dos valores e atributos do Estado — a *Ilustração Paranaense* é uma das relíquias do acervo da Divisão. Mensal, a revista circulou entre 1927 e 1930 e exaltava o crescimento, a industrialização e a urbanização de Curitiba e do Paraná. Com

colaboradores como os pintores João Turin e Alfredo Andersen, a revista trazia as lendas, mitos e belezas do Paraná, sempre em busca da almejada identidade regional. Pouco antes de morrer, Groff deixou à Biblioteca Pública do Paraná sua coleção particular da revista *Gran-Fina* — editada pelo jornal curitibano *O Dia*, é outra preciosidade do acervo da BPP. A revista era semanal e abordava bastidores esportivos, publicava contos, oferecia dicas de comportamento — como na edição nº 79, de 9 de setembro de 1941, em que são apresentadas dicas para a mulher moderna, alertada a não se casar com um homem para mudar-lhe o temperamento — e excelentes textos sobre literatura, como a matéria que, em 1942, apresentava o jovem Wilson Martins “como uma das mais belas e sadias inteligências da sua geração, um acadêmico de Direito, cultor das belas-letas, jornalista e literato”.

Joaquim: a reinvenção da província

No campo cultural, nenhuma outra revista paranaense fez tanto alarde quanto *Joaquim*, a revista editada por Dalton Trevisan entre 1946 e 1948 em Curitiba, que, segundo o próprio Trevisan, era uma “homenagem a todos os Joaquims do Brasil”. *Joaquim* tinha um espírito combativo que fez dela um marco na literatura nacional e alçou o nome de Trevisan ao centro de discussões acaloradas sobre a cultura paranaense e nacional. Em um dos textos mais célebres da revista, Trevisan faz duras críticas à poesia do simbolista paranaense Emiliano Perneta, o qual considerava um “poeta medíocre, feitor de uma poesia de casinha de chocolate”. “Pobre de quem lê

Revista da *Guaíra*, fundada em fevereiro de 1949 por De Plácido e Silva.



Emiliano, poeta medíocre

DALTON TREVISAN

"Não vale um conto melhor valere garrafado".

Emiliano Perneta foi uma das grandes vozes da poesia paranaense. Seu nome é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Mas, apesar de ser um dos maiores nomes da poesia paranaense, ele não é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Seu nome é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Mas, apesar de ser um dos maiores nomes da poesia paranaense, ele não é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense.

Emiliano Perneta foi uma das grandes vozes da poesia paranaense. Seu nome é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Mas, apesar de ser um dos maiores nomes da poesia paranaense, ele não é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense.

Emiliano Perneta foi uma das grandes vozes da poesia paranaense. Seu nome é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Mas, apesar de ser um dos maiores nomes da poesia paranaense, ele não é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense.

Emiliano Perneta foi uma das grandes vozes da poesia paranaense. Seu nome é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Mas, apesar de ser um dos maiores nomes da poesia paranaense, ele não é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense.

Emiliano Perneta foi uma das grandes vozes da poesia paranaense. Seu nome é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Mas, apesar de ser um dos maiores nomes da poesia paranaense, ele não é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense.

Emiliano Perneta foi uma das grandes vozes da poesia paranaense. Seu nome é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense. Mas, apesar de ser um dos maiores nomes da poesia paranaense, ele não é conhecido de todos os leitores de poesia paranaense.



‘Ciúme da Morte’ [famoso poema de Perneta], em vez de Dostoiévski”, escreve Trevisan. A ironia fica por conta do endereço da redação da revista, localizada na Rua Emiliano Perneta, 476, no centro de Curitiba.

Escreviam e ilustravam o periódico nomes como Poty Lazzarotto, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Wilson Martins. O próprio Dalton Trevisan publicou contos e poemas na revista. Na segunda edição, de junho de 1946, Carlos Drummond de Andrade, em carta endereçada à redação, escreveu: “Estou recebendo o primeiro número de *Joaquim*. Ainda bem que continuam a surgir no Brasil as revistas de moços. Porque os velhos e os simplesmente maduros estão calados, e na sua plenitude parece que desistiram mesmo quando está nascendo: reformar a vida.”

Conforme título do trabalho de doutorado do escritor e crítico Miguel Sanches Neto, as 21 edições da *Joaquim* representaram a “reinvenção da província”. O próprio Sanches Neto foi o responsável, no ano de 2000, quando era diretor da Imprensa Oficial do Paraná, pela edição *fac-símile* da revista.



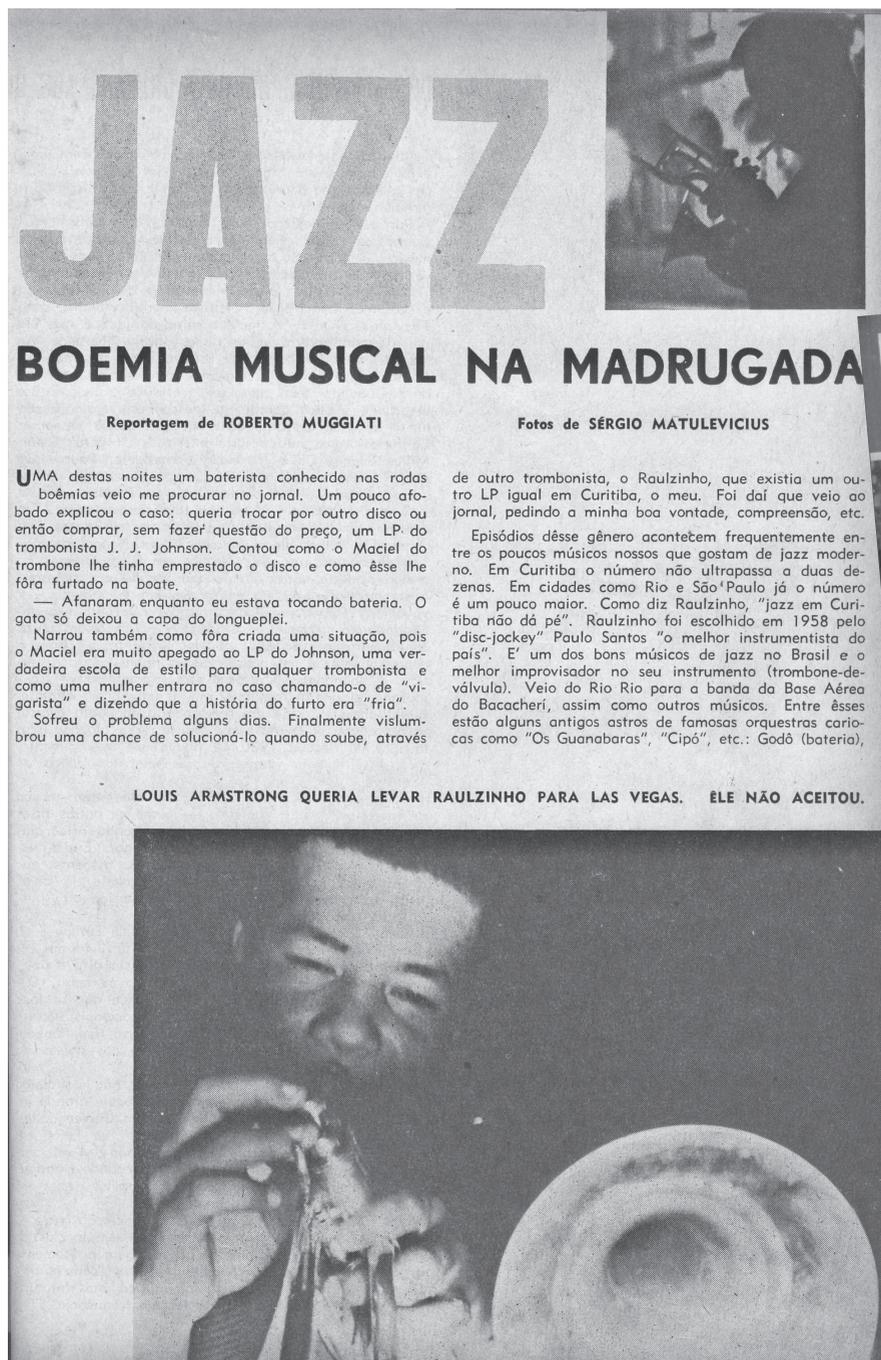
Primeira edição da revista *Joaquim* e o famoso texto de Trevisan sobre a obra de Emiliano Perneta, no segundo número.

Variedades

Outra revista que fez sucesso entre os leitores paranaenses foi a *Panorama*. Fundada em Londrina, em 1951, pelo jornalista e professor Adolfo Soethe, mudou sua sede para Curitiba uma década depois. Com correspondentes em diversas capitais brasileiras, a revista apresentava uma variedade enorme de assuntos, com matérias que descreviam desde as belezas naturais da Ilha do Mel, no litoral paranaense, até o “mundo corrupto dos cassinos curitibanos”.

“Panorama tinha colaboradores fixos, mas não uma equipe assalariada”, diz o escritor e jornalista Roberto Muggiati, que nos anos 1960 foi colaborador da revista. “Havia matérias políticas, assuntos mais amenos e perfis sociais. O colunista Dino Almeida [conhecido jornalista da imprensa paranaense] fazia reportagens e dava alguma abertura para assuntos culturais. Publiquei uma reportagem de quatro páginas, no número 99, de agosto de 1960, com o título de ‘Jazz: Boemia Musical na Madrugada’, tendo como personagem principal o trombonista Raul de Souza. A matéria trazia fotografias, à noite, das ruas de Curitiba, feitas pelo genial Sérgio Matulevicius, que cuidava do departamento fotográfico da revista. Sérgio depois foi trabalhar no Rio, na *Cruzeiro* e na *Manchete*.”

A *Revista da Guaíra* foi contemporânea da *Panorama* e teve grande influência na década de 1950. Foi fundada em fevereiro de 1949 pelo alagoano radicado em Curitiba Oscar Joseph de Plácido e Silva (1893-1963) que, influenciado pela numerologia, assinava De Plácido e Silva. A *Revista da Guaíra* contava com a colaboração de jornalistas que viriam a se tornar grandes nomes do jornalismo local, como Luiz Geraldo Mazza. Também publicava editoriais politizados sobre temas de incidência nacional, como o salário mínimo, a liberdade de expressão e a



inflação. De concursos de robustez infantil a anúncios sobre os nobres benefícios da Emulsão de Scott — que à época aterrizou milhares de crianças —, a revista também repercutia em setembro de 1954 a morte de Getúlio Vargas. Nas legendas fotográficas, os comunistas são acusados de promoverem a desordem verificada em algumas manifestações populares. A *Revista da Guaíra* cessou a sua circulação no

de outro trombonista, o Raulzinho, que existia um outro LP igual em Curitiba, o meu. Foi daí que veio ao jornal, pedindo a minha boa vontade, compreensão, etc.

Episódios desse gênero acontecem frequentemente entre os poucos músicos nossos que gostam de jazz moderno. Em Curitiba o número não ultrapassa a duas dezenas. Em cidades como Rio e São Paulo já o número é um pouco maior. Como diz Raulzinho, “jazz em Curitiba não dá pé”. Raulzinho foi escolhido em 1958 pelo “disc-jockey” Paulo Santos “o melhor instrumentista do país”. É um dos bons músicos de jazz no Brasil e o melhor improvisador no seu instrumento (trombone-de-válvula). Veio do Rio para a banda da Base Aérea do Bacacheri, assim como outros músicos. Entre esses estão alguns antigos astros de famosas orquestras cariocas como “Os Guanabaras”, “Cipó”, etc.: Godô (bateria),

Matéria da edição 99 da revista *Panorama*, assinada pelo escritor Roberto Muggiati

começo da década de 1960, após um incêndio que destruiu sua sede.

A *Divulgação Paranaense*, de propriedade de Arnaud Ferreira Velloso — hoje nome de rua da Cidade Industrial — circulou nas décadas de 1950 e 1960. Fechou em abril de 1965. Toda em preto e branco, mesclava acontecimentos sociais com poesia e teorias literárias, e contava com colaboradores

como Dino Almeida e Serafim França. Publicava perfis e dedicava espaço à coluna social. Também repercutia as realizações dos governos locais. ■

Serviço:

O acesso às revistas é mediado pelos funcionários da BPP e aberto ao público. A Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná atende de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 20h; aos sábados, das 8h30 às 13h.

“Há certas realidades que só a ficção suporta”

Depois de 20 anos escutando histórias reais, Eliane Brum, a jornalista mais premiada do país, dá vazão a outras vozes em seu primeiro romance

FELIPE KRYMINICE E LUIZ REBINSKI JUNIOR

Em uma recente pesquisa, realizada pelo Instituto Corda, Eliane Brum foi considerada a jornalista mais premiada de todos os tempos no Brasil. Os mais de quarenta prêmios que recebeu valorizam o trabalho de uma verdadeira “escutadeira” de histórias, na definição da própria jornalista. Foi essa capacidade incrível de ouvir àqueles que geralmente não são ouvidos — característica indissociável aos grandes repórteres — que fez de Eliane uma jornalista que não tem leitores, mas fãs.

Além da carreira bem-sucedida no jornalismo, Eliane Brum também ataca em outras frentes: em 2010 dirigiu, junto com Paschoal Samora, o documentário *Gretchen Filme Estrada*, que segue a campanha da cantora e dançarina para a prefeitura de Itamaracá (BA), em 2008. Em 2011, Eliane fez sua estreia na literatura com *Uma duas*, romance que teve boa aceitação da crítica.

Nascida em Ijuí, no Rio Grande do Sul, Eliane Brum iniciou sua carreira

no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde se destacou fazendo reportagens pouco convencionais e descobrindo personagens interessantes nas ruas. Algumas dessas histórias foram reunidas no livro *A vida que ninguém vê*, vencedor do Prêmio Jabuti de 2007. Eliane também foi repórter especial da revista *Época*, onde hoje mantém uma coluna na internet.

Depois de uma carreira bem-sucedida no jornalismo, você estreia na ficção com *Uma duas*. O que a motivou a essa incursão ao romance? A ficção era um desejo antigo seu?

A ficção foi uma necessidade. Depois de mais de 20 anos escutando histórias reais, acho que fiquei povoada por vozes demais. Nos últimos anos, senti um incômodo interno, uma perturbação, mas o ápice desse processo veio com meu trabalho de reportagem com a questão da morte. Não a morte violenta, que costuma ser o tema da imprensa, mas a morte que a maioria de nós terá, de velhice e doença. E que é tão calada na nossa sociedade porque é a “nossa” morte, já que a maioria de nós não morrerá de assassinato, acidente, terremoto ou bala perdida. De 2008 a 2010, trabalhei na reportagem com esta morte. E aí soube com muita clareza que há certas realidades que só a ficção suporta. Para essas realidades, eu precisava de uma outra voz, uma voz na ficção. Então, criei essa voz.

Você costuma dizer que não é assombrada pela página em branco, pelo fa-

moso bloqueio criativo. Mas, por outro lado, tem afirmado que foi muito difícil escrever *Uma duas*? Por quê?

Acho difícil ser jornalista e ser assombrada pela página em branco. Trabalhei 11 anos em jornal diário, então montava a estrutura dos meus textos do dia no carro do jornal e escrevia às vezes duas matérias em menos de uma hora. O jornalismo nos ensina que, quando a gente precisa escrever, a gente escreve. Pelo menos essa é a minha experiência. Mas isso não significa que não seja difícil. É muito difícil. Especialmente nas reportagens especiais, maiores, quando a nossa entrega também é maior. Sempre fui possuída pelas histórias reais que contei. Fazer uma reportagem é se deixar possuir pela história que é do outro. E essa entrega tem um custo. Na ficção, o desafio é semelhante, mas o curso é inverso: temos de nos deixar possuir pelas vozes de nossos abismos interiores. Não mais pela voz do outro, como na reportagem, mas pela voz do outro — ou dos outros — de nós. E essa foi uma experiência bem brutal para mim. Durante todo o tempo em que escrevi meu romance, eu o habitei. Fazia os atos todos do meu cotidiano, cumpria meus outros compromissos, mas me tornei a mulher que não estava lá. Enquanto escrevi meu romance, vivi na ficção e encenei a vida.

A protagonista de seu livro também é jornalista. Você se policiou de alguma forma para que o leitor não fizesse nenhuma associação biográfica entre você e sua personagem?

“ Enquanto escrevi meu romance, vivi na ficção e encenei a vida.”

Não. Em nenhuma das minhas escritas eu me policiou. Pelo contrário, tento criar mecanismos para me desformatar, me desamarrar. Se policiou é a morte. Me deixo possuir por mim e sigo sem pensar em ninguém. Não penso no leitor quando escrevo. Ou, pelo menos, tento não pensar. Não temos controle sobre como seremos lidos. Então, nem tento ter qualquer ilusão de controle. As pessoas fazem as associações mais incríveis, que nunca me passaram pela cabeça ao escrever. Nem por isso são menos legítimas. Cada leitor é também um escritor, e não existe um *Uma duas*, mas tantos romances quanto leitores. Não consigo nem controlar os meus personagens. Acho que a escrita é uma possessão muito particular. Sangramos e, enquanto sangramos, só podemos contar com uma certeza: a certeza de fracassar. A vida é para sempre indizível, nos escapa pelos cantos da letra. E escorremos com ela, mas sem poder parar de buscar.

Há mais de uma voz narrativa no romance. Como decidiu por essa estrutura? O romance teve leitores antes de

Divulgação



seguir para a editora?

Eu comecei a escrever pensando em ter apenas uma narradora, a Laura, a filha. Mas um dia a mãe, Maria Lúcia, me acordou com sua voz de unha em quadro-negro. Ela falava dentro da minha cabeça, reivindicando uma versão. Dizia que o que eu escrevia estava errado. Me revoltei, no início. Afinal, o romance era meu. Mas a mãe não me deixava mais dormir e então ela entrou na história, de repente. Entrou porque decidiu entrar. E devo isso a ela. O romance ficou muito melhor porque a mãe está nele. Mesmo que eu a odeie às vezes. Agora, a resposta à pergunta dos leitores prévios. Eu nunca mostro o que escrevo para ninguém antes de terminar. Para mim, a escrita precisa ser um processo solitário. Eu gesto. No caso deste romance, uma espécie de “bebê de Rosemary”. Depois que termino minhas reportagens, tenho alguns leitores cativos, que leem primeiro e comentam. Basicamente, meu marido e minha filha. No caso do romance, mostrei para eles depois que terminei, mas eu sabia que não mudaria nada. Era o que eu tinha para dizer. Era a forma que eu tinha para dizer. Era assim que era. Era meu, não importava o que os outros pensassem.

Os críticos costumam dizer que uma das coisas mais difíceis para um escritor é encontrar sua voz literária. Ou seja, àquilo que de forma mais rasa chamamos de “estilo”. Acha que com o seu primeiro romance conseguiu encontrar a sua voz — ou pelo menos chegar perto dela?

Não sei se acredito em uma voz apenas. Acho que a grande tarefa de uma vida é a busca da própria voz. E este movimento vai muito além de estilo. Mas a busca da própria voz é uma tarefa para a vida inteira. Quando encontramos algo é apenas para perdê-lo. É paradoxal, mas a voz será mais nossa na medida em que nos escapa. Por isso, acredito mais

ENTREVISTA | ELIANE BRUM

em uma voz mutante, acredito no percurso. Meu romance é a voz de um ponto do meu percurso. Tento percorrê-lo com o máximo de entrega e de verdade.

No jornalismo e na literatura, quais foram as suas leituras seminais? Quais os livros e autores que te influenciaram nessas duas áreas? Especificamente em seu livro, vê marcas de algum escritor?

Não. Sou marcada por muitos. E sou tão marcada pelos escritores do cânone quanto pelos analfabetos que faziam literatura pela boca em todas as geografias do Brasil. É difícil identificar o que fez marca em mim. Eu sou um tipo de leitora obsessiva. Quando me apaixono por um autor, leio tudo dele. Foi assim com escritores tão diferentes quanto Balzac, Poe, Chandler, Jack London, Thomas Mann, Tanizaki, Steinbeck, Tolstói e, por incrível que pareça, José de Alencar, cuja obra li inteira aos 10 anos, até hoje não sei bem por quê. Leio todos os dias — e leio de tudo. Ultimamente, não perco nenhum livro de quatro caras: Philip Roth, Ian McEwan, Kazuo Ishiguro e Coetzee. Com alguns autores, sinto dor física ao ler seus livros e só consigo ler aos poucos, porque fico transtornada. É gente como Guimarães Rosa e Mia Couto, que reinventam a língua. Mas acho importante dizer que também sou gratíssima a J. K. Rowling por ter inventado Harry Potter. E não perdoo Stieg Larsson por ter morrido antes de terminar o quarto livro da série Millenium. Lisbeth Salander, a hacker “detetive” da série, é uma das melhores personagens das últimas décadas. Sou também uma “vampiróloga” e é preciso que um livro de vampiros seja muito falcatrua para que eu não o leia. Há um livro que dou para todas as crianças da família e da vizinhança: *A fada que tinha ideias*. É um livro que dou para todos os adolescentes: *Demian*, de Hermann Hesse.

Humberto Werneck costuma dizer que procura ser claro quando jorna-

Lilo Clareto



“ Fazer uma reportagem é se deixar possuir pela história que é do outro.”

lista e ser pouco jornalista quando escreve crônica. De que modo o seu trabalho como repórter influenciou na criação do seu primeiro romance?

Ser repórter não é o que faço, mas o que sou. Logo, acho que influenciou muito. Mas, ainda que seja o que sou, e isso é

mais profundo do que consigo explicar, não é tudo o que sou. Hoje em dia ando com muita dificuldade com identidades. Não consigo saber direito a separação das coisas, ando meio fluida, meio indefinida. Acho que a internet, especialmente, tem mudado minha relação

com o corpo, com o tempo e também com a percepção da escrita. Mas, se tiver de identificar uma influência da reportagem no meu primeiro romance, foi o caminho percorrido até poder viver, também no corpo, a percepção de que há partes da realidade que a reportagem não pode dar conta. Há verdades que só podem ser vividas como ficção. Eu não alcancei essa percepção pelos caminhos filosóficos, mas pela experiência do vivido. O jornalismo me deu as tripas. E eu acho que é muito importante compreender que a escrita tem de passar pelas tripas.

Você tem uma longa trajetória no jornalismo e conquistou um espaço privilegiado, que poucos jornalistas têm. Hoje você pode se dedicar a um texto sem se preocupar com a urgência da notícia “quente”, diária. Mas como um jovem repórter consegue se desvencilhar das amarras do jornalismo diário, quando sua matéria-prima é o fato?

Eu não vejo o jornalismo diário como “amarras”. Descobri a extraordinária vida comum fazendo jornalismo diário. E talvez por achar o jornalismo diário fascinante é que tenha, depois de muito tempo, conquistado um espaço para fazer reportagens mais longas e de maior entrega. Acho que não há muito mistério. Você tem de ter um projeto seu — porque, se não tiver, não só no jornalismo, mas em qualquer área, vai fazer o projeto dos outros. O que, convenhamos, é uma pena para uma vida. E você tem de não só ir para a rua, coisa que muita gente tem preguiça de fazer, mas ralar muito para trazer algo que valha a pena da rua. Fazer bom jornalismo dá muito trabalho, é uma entrega profunda. Tem de querer muito isso — ou não rola. Eu nunca tive a ideia de que a vida era fácil e de que eu teria alguma coisa de forma fácil. Então, nunca me assustei muito com a dificuldade que é ser repórter. Mas acho que tudo começa e



Eliane Brum, na oficina de Reportagem, que ministrou na BPP, em dezembro de 2011.

“ Eu não vivo para escrever — eu só vivo porque escrevo ”

“ Contar a vida de alguém é algo grande, transformador, precisamos respeitar este pacto e estar à altura dele.”

termina pelo respeito que você tem por si mesmo e pelo respeito que você tem pela história que é do outro. Eu nunca admiti ser preguiçosa porque sempre soube que a minha preguiça era criminosa por três razões bem básicas: 1) nós, jornalistas, nos propomos a documentar

a história cotidiana do país, portanto assumimos essa responsabilidade e temos de dar um jeito de dar conta dela ou temos de ter a honestidade de cair fora; 2) contar a vida de alguém é algo grande, transformador, precisamos respeitar este pacto e estar à altura dele; 3) eu tenho muito respeito por mim mesma para ser medíocre, se eventualmente for, não vai ser porque faltou esforço.

Além de sua bem-sucedida trajetória como jornalista e sua nova carreira de romancista, você também é documentarista. Consegue perceber pontos em comum nessas três atividades? Ou seja, é possível estabelecer conexões entre a Eliane romancista e a documentarista, por exemplo?

Eu sou uma contadora de histórias. Esta

é a conexão. Sou, principalmente, uma “escutadeira”. Seja da história do outro, seja da história dos outros de mim.

Depois de tantos anos no jornalismo, você saiu da redação. Coincidentemente, essa saída casa com o lançamento de seu primeiro romance. A literatura passará a ser mais presente em sua vida? Ou seja, pretende virar escritora *full time*?

Acho que ser jornalista é ser escritor. Neste sentido, acho que sou uma escritora “*full time*” por toda a minha vida adulta. O que aconteceu é que decidi me reapropriar do meu tempo, depois de trabalhar com a questão da morte. Senti essa urgência de ser dona do meu tempo, inclusive para não fazer nada com ele. E também para fazer literatura

“ Quando me apaixono por um autor, leio tudo dele.”

com ele. Mas, desde que me alfabetizei, eu nunca consegui imaginar uma vida fora da palavra escrita. Eu não vivo para escrever — eu só vivo porque escrevo. É uma diferença profunda.

Em uma pesquisa recente, desenvolvida pelo Instituto Corda, você foi considerada a jornalista brasileira mais premiada de todos os tempos. Esses prêmios ainda lhe emocionam?

Eu sabia, claro, que tinha ganhado muitos prêmios, mas jamais imaginaria esse resultado. Os prêmios sempre me dão frio na barriga. Lá em casa a gente tem um sentido de urgência com a vida. Então, comemoramos tudo. Cada prêmio que eu ganho é muito comemorado, a gente abre um vinho, faz uma comida melhor, coisas assim. Ganho flores e uns chocolates caros que eu adoro do meu marido, para comer na minha banheira. E minha família lá em Ijuí corre a botar no jornal da cidade. Acho que meus pais ainda se recuperam do tempo em que eram olhados com pena por serem pais da mãe adolescente e solteira da cidade (risos). Então, a resposta é sim: eu gosto de ganhar prêmios, acho um reconhecimento importante também politicamente, para continuar tendo espaço para contar as histórias que conto, e me emociono muito.

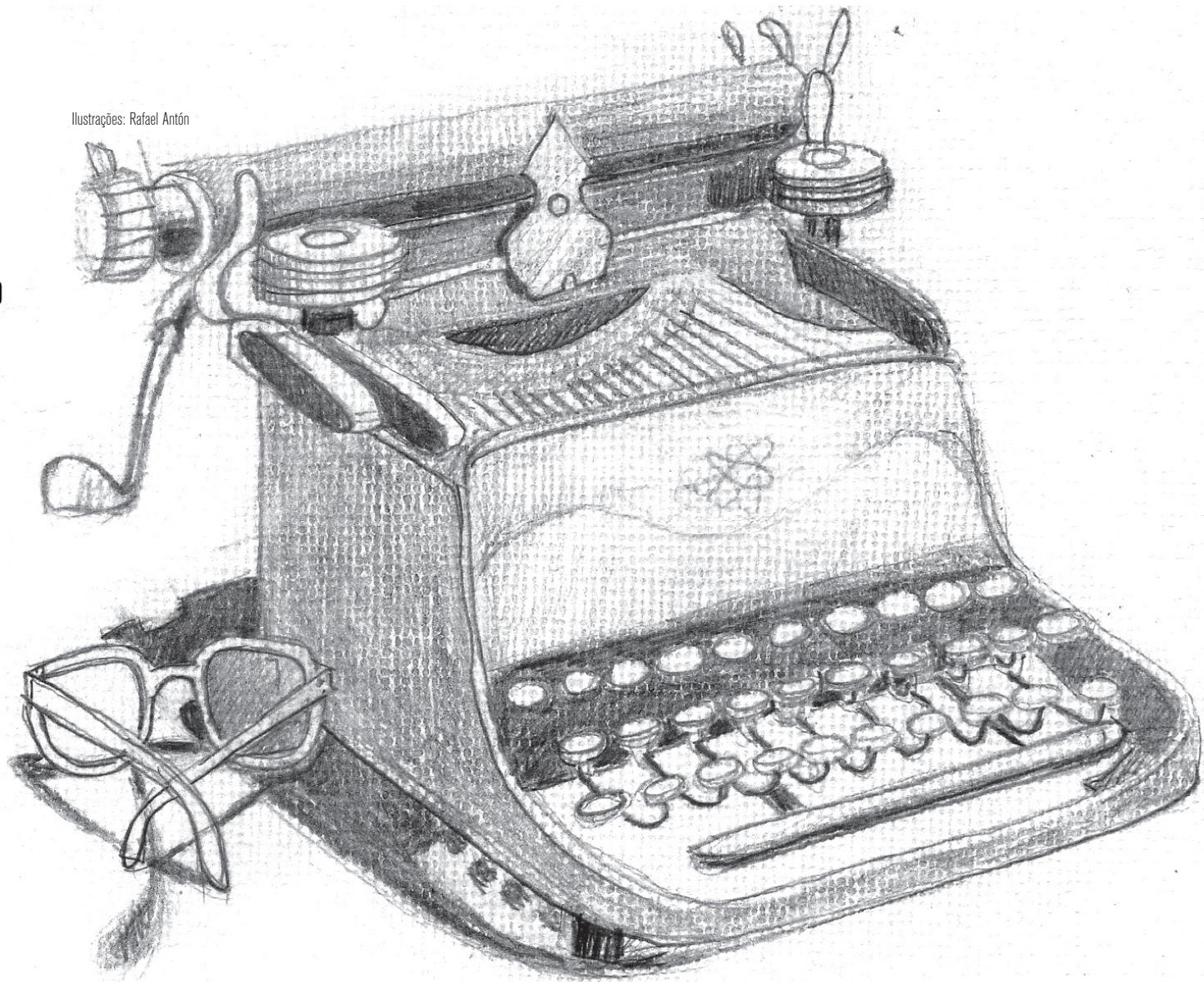
Qual o principal conselho que daria a um jovem repórter?

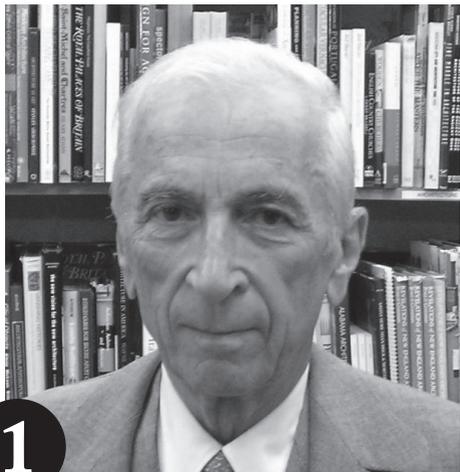
Duvidar, de tudo e de todos — duvidar das certezas dos outros e mais ainda das suas. Aprender a escutar, que é muito mais difícil do que parece. Não cair na tentação nem da vaidade, nem da arrogância. Não ser preguiçoso, nem esperar que seja fácil. E ler todos os dias. ■

Literatura sem invenção

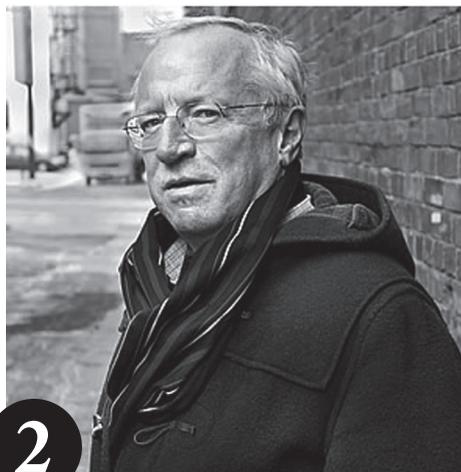
Especialista no assunto, **Sergio Vilas-Boas** aborda a revalorização do Jornalismo Literário e chama atenção para a importância das reportagens narrativas como extensão dos noticiários

Ilustrações: Rafael Antón





1



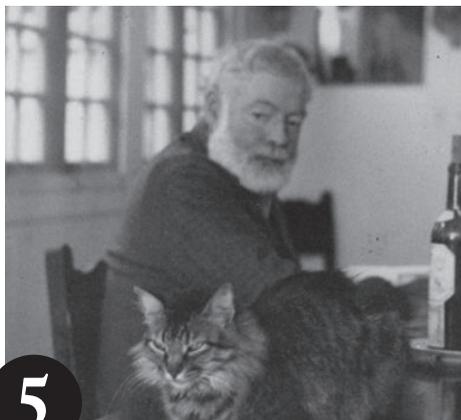
2



3



4



5



6

1 - Gay Talese, cânone do Jornalismo Literário.
 2 - Robert Fisk, correspondente de guerra do *The Independent*.
 3 - Honoré de Balzac, autor que retratou o sociedade francesa do século XIX.
 4 - O cronista João do Rio e as cores populares no jornalismo do início do século XX.
 5 - Ernest Hemingway, correspondente na Guerra Civil Espanhola.
 6 - Charles Dickens, um dos maiores romancistas e jornalistas ingleses.

Expressar o que é o Jornalismo Literário, também conhecido como Jornalismo Narrativo, é relativamente simples: é a reportagem de imersão sustentada por sólido trabalho de campo que resulta em uma escrita/edição refinada. Historicamente, o JL tem sido empregado em matérias especiais cujo aprofundamento possa ser atingido por meio do relacionamento intensivo do autor com seus personagens. Não chega a ser contraindicado para o *hard news*, a informação rápida do dia a dia, mas, nesse caso, a urgência sintética pode dificultar a observação detalhada.

O propósito dessa forma — não seria equivocado acrescentar “artística” — de jornalismo é transmitir a vivacidade das experiências de pessoas em relação ao assunto central, incluindo as ex-

periências do próprio jornalista, quando cabíveis ao projeto. Esta, aliás, é a principal diferença do JL em relação a outras elaborações jornalísticas: você pode produzir noticiários sem protagonistas; pode talvez realizar uma reportagem investigativa (de olho nos poderes públicos) sem protagonistas, apenas com dossiês e fontes em *off*, por exemplo.

Na mesma linha de raciocínio, pode-se escrever uma crônica, uma crítica ou qualquer outro texto opinativo sem preocupação com a “construção de personagens reais vivendo situações reais em lugares reais”. Por outro lado, sob pena de vender-se gato por lebre, é impossível praticar o JL se os fatos apurados e as percepções diretas do autor não girarem em torno da experiência (física e psicológica) de indivíduos criteriosamente

“ Ainda há desinformação e confusão nas empresas jornalísticas e nas faculdades de comunicação sobre o que o Jornalismo Literário de fato é.”

mente selecionados.

Em JL, os personagens não são acessórios. Eles são a motivação central de tudo — da pauta à escrita. Não se pode esquecer que estamos lidando com o ato de contar (narrar) histórias, e histórias (narrações) em geral envolvem personagens (humanos, no caso). Quais personagens, vocês poderiam se perguntar. Em princípio, o autor seleciona aqueles que têm ou tiveram experiências específicas que ajudem a compreender a amplitude dos acontecimentos/assuntos postos em foco.

Em uma reportagem ao estilo JL sobre enchentes, por exemplo, as pessoas que experimentam na pele a invasão das águas em suas casas têm prioridade sobre aquelas que trabalham em prol dos desabrigados; e estas, por sua

vez, têm mais potencial para ser coadjuvantes (da mesma reportagem) do que um sociólogo estudioso de catástrofes em regiões serranas. Decisivo, então, é o seguinte: gente que vive o acontecimento é mais importante que gente que o analisa à distância.

Intercâmbios

Ainda há desinformação e confusão nas empresas jornalísticas e nas faculdades de comunicação sobre o que o JL de fato é. Talvez por isso o confundam exatamente com o ele que não é. Vejamos: JL não é crônica, porque a crônica, no Brasil, pode ser ficcional; não é uma história “baseada” em fatos reais porque há um subtexto aí que abre a possibilidade da invenção; também não se trata apenas de “texto bonito”, porque a “beleza” pode não passar de artifício para encobrir deficiências — por exemplo, deficiência de pesquisa e de conversação.

Há também confusões semânticas, que decorrem, talvez, da falta de tradição do Brasil nesse tipo de texto. As resistências mais evidentes giram em torno do termo “literário”. Alguns jornalistas e acadêmicos enxergam nesse designativo uma tonalidade presunçosa, como se o jornalismo, sendo “menor” que a literatura, jamais pudesse sequer se atrever a querer se parecer com Ela. Prefiro uma visão menos elitista e mais inclusiva: a literatura envolve fatos tanto quanto o jornalismo (literário) envolve arte.

Há ainda os que tecem apelos éticos, na crença de que o tal “literário”, ao empregar técnicas provenientes da literatura, só pode resultar necessariamente em invenção, manipulação e distorção. Ao que respondo: ética é uma questão de formação e caráter, não de técnica. De modo geral, os debates sobre os limiares do jornalismo e da literatura acabam caindo em generalizações. Certos estudos defendem que jornalismo e literatura não podem se misturar; outros argumentam que são como os dedos desiguais da mesma mão.

“Narrar é uma atitude.”



Há os ensaios que operam com oposições periodísticas (o efêmero *versus* o duradouro); ou com dilemas comportamentais (funcionário de redação *versus* romancista/contista/poeta); ou afãs classificatórios (gênero *versus* subgênero); e purismos do tipo “a Arte não pode se misturar com essas fábricas de notícias” (*sic*). Entre as tantas insuficiências argumentativas, opto por aquela que aceita que a literatura tem de englobar a escrita do factual.

(Advertência: a expressão “não ficção” é negativa e negadora, certa e indiscreta, rudimentar e ardilosa. Como professor e como autor, sinto que, no

fundo, toda escrita individual produzida neste mundo é, *stricto sensu*, tão autobiográfica quanto “ficcional”, afinal, trata-se de “uma criação subjetiva da realidade”. Mas é preciso cautela ao apresentar isto em sala de aula: alunos podem achar que ficção é sinônimo de *mentira*; ou que realidade é sinônimo de *verdade*.)

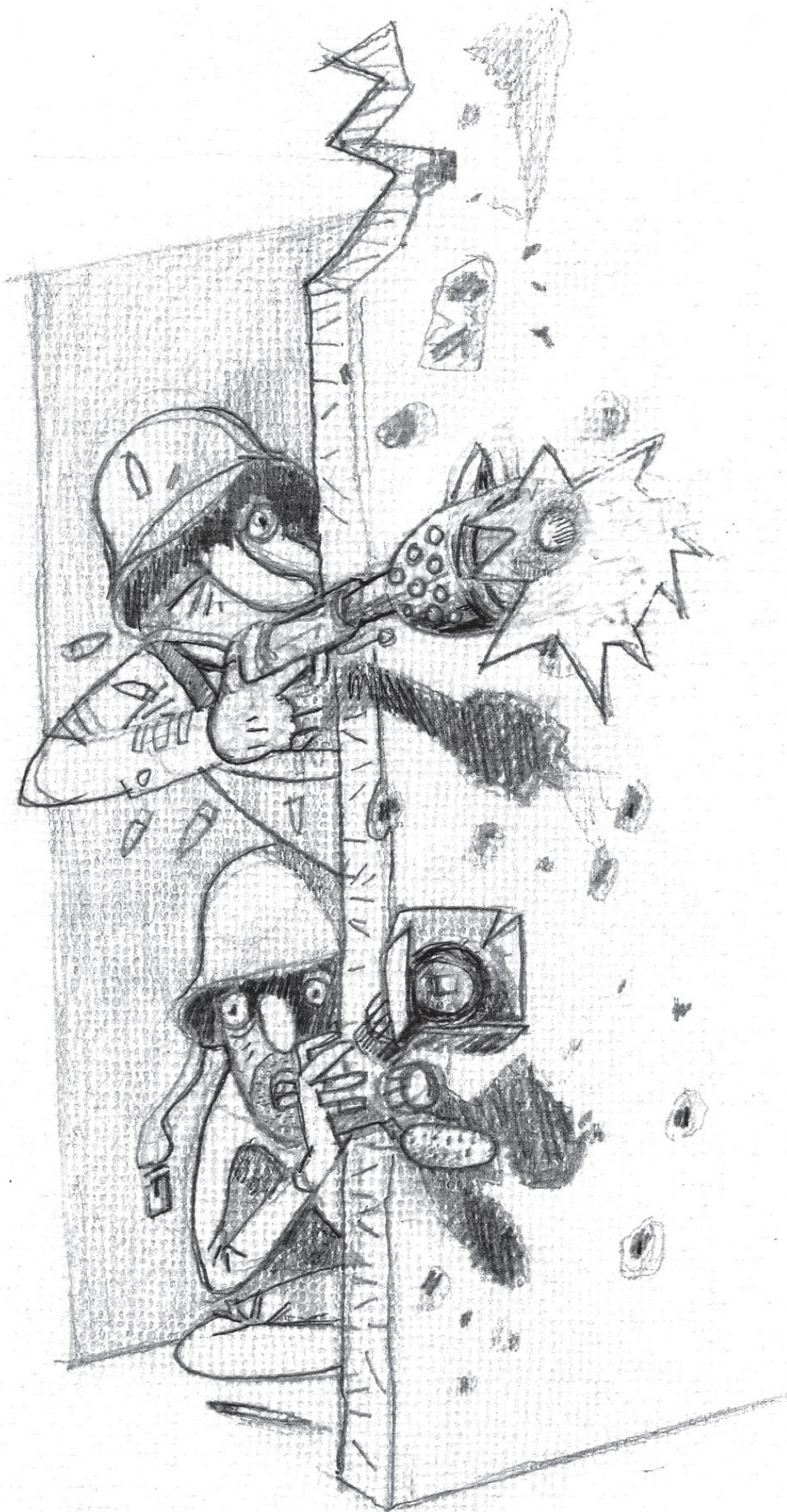
Parece, mas não é

Quando as discussões resvalam em abstração extrema, retiro do baú reportagens, perfis e textos de viagem e distribuo-os. É evidentemente mais fácil entender o JL pela leitura de um texto do tipo. Lendo-os, o nervo central fica ex-

posto: ah, parece (*parece*) conto, mas não é conto; ah, a estrutura, a trama e a linguagem lembram (*lembram*) um romance, mas não é romance. Os receios, então, dão lugar ao prazer de experimentar.

Narrar é uma atitude. O novo (o diferente do habitual) requer ousadia. A diretriz fundamental de um jornalista literário é ir a campo: observar, indagar, ouvir mais do que falar, mas falar também; conquistar a confiança das pessoas para que elas relatem suas experiências autênticas e espontaneamente; selecionar ocorrências que levem o público a entrar no relato e vivê-lo como se estivesse lá.

No Brasil, o contexto nunca foi



tão favorável ao estudo e à prática do JL. Vários fatores contribuíram para o restabelecimento do interesse pelo gênero: primeiro, as reformas curriculares dos cursos de jornalismo, que incentivaram trabalhos de conclusão em formato narrativo não acadêmico. Paralelamente, criaram-se disciplinas que valorizam mais a reportagem de fôlego, inclusive com a apropriação/adaptação de metodologias de pesquisa das ciências sociais.

Programas de pós-graduação (*lato sensu*) como o da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), que ajudei a criar e dirigir de 2005 a 2011, também preencheram a lacuna de formação especializada não atendida pela graduação. Em termos de mercado, a coleção Jornalismo Literário da editora Companhia das Letras (iniciada com a publicação de *Hiroshima*, de John Hersey, em 2002) permitiu o acesso a obras referenciais.

O lançamento de revistas como *Piauí*, *Brasileiros* e *Rolling Stone* na década passada também ajudou a reacender o interesse do público pela narrativa jornalística detalhada, fortalecida por componentes literários. A receptividade foi tanta que muita gente até pensou que se tratava de uma coisa nova. Mas o JL existe há mais de um século. Seu marco histórico inaugural é o século XIX, quando os romancistas começaram a se excitar com a ideia de “uma ficção verdadeira sobre o real”.

Realismos

A ascensão do realismo na ficção, principalmente o de temática com-

“ Surpreendentemente, em vez de afastar para sempre o Jornalismo Literário dos ambientes culturais brasileiros, a era digital re despertou-o.”

“ A essência do jornalismo continua sendo a reportagem, mas ela precisa passar por um processo de oxigenação em seus métodos e procedimentos”.

portamental, fomentou a explosão de autores clássicos que lemos até hoje, como Balzac, Dostoiévski, Tolstói, Dickens, Flaubert, Defoe, Machado de Assis, João do Rio, Euclides da Cunha e tantos outros. Num crescendo de refinamento e sofisticação, o realismo acabaria penetrando em uma camada mais política, ansioso por denunciar as mazelas geradas pelo capitalismo e pelos regimes autoritários das primeiras décadas do século XX.

Hemingway, Steinbeck, John dos Passos, Faulkner, James Agee, Graciliano Ramos e dezenas de grandes jornalistas-escritores são exemplos da safra conhecida por “realismo social”. De um lado, a ficção lutando para incorporar o real, o imediato, o contemporâneo, o fato. De outro, o jornalismo se esmerando na cobertura de guerras, como a da Secessão, nos Estados Unidos, a dos Bôers, na África do Sul, e a Guerra Civil Espanhola.

Enquanto na literatura o realismo se encaminhava para uma temática mais social, o jornalismo de reportagens detalhadas incorporava métodos mais sofisticados de apuração e expressão; e, na década de 1950, os *beatniks* sacudiram o meio literário com suas “ficções a quente”, em plena febre das vivências e muito próximas da oralidade. Eram ficções malcomportadas na forma e às vezes delirantes no conteúdo, mas com um fascinante componente de transgressão.

Nos anos 1950, principalmente nos países mais ricos, o jornalismo estava já numa fase de industrialização, e

CAPA | JORNALISMO LITERÁRIO

as redações pareciam divididas entre os que tinham uma visão científica da profissão e os inquietos que se dispunham a encará-la como arte. Nesse conjunto de ânimos eclodiu o *new journalism* (novo jornalismo), movimento imantado pela capacidade de provocação dos *beatniks* e pela efervescência cultural dos anos 1960, quando os cidadãos estavam nas ruas para lutar contra o “sistema”.

O que havia de *new*, de novo, naquele *new journalism* praticado por autores como Gay Talese, Norman Mailer e Tom Wolfe? Em essência, nada de muito relevante. Aquilo já era feito de maneira arrojada desde o século 19, como eu disse. A novidade, ao que parece, era o fato de que agora leitores do mundo inteiro haviam passado a “comprar” uma narrativa jornalística não apenas porque ela contém dados verificáveis, mas também por sua estética subjetiva.

Resgate

O Brasil teve momentos históricos importantes nessa linha. Imitamos com argúcia o *new journalism* em *O Cruzeiro*, *Jornal da Tarde* (anos 1970) e *Realidade* (1966-68). Mas não houve uma prática ininterrupta, não se criou uma cultura de narração literária em jornais nem um amplo mercado consumidor de histórias jornalísticas em livro. Surpreendentemente, em vez de afastar para sempre o JL dos ambientes culturais brasileiros, a atual era digital redespertou-o.

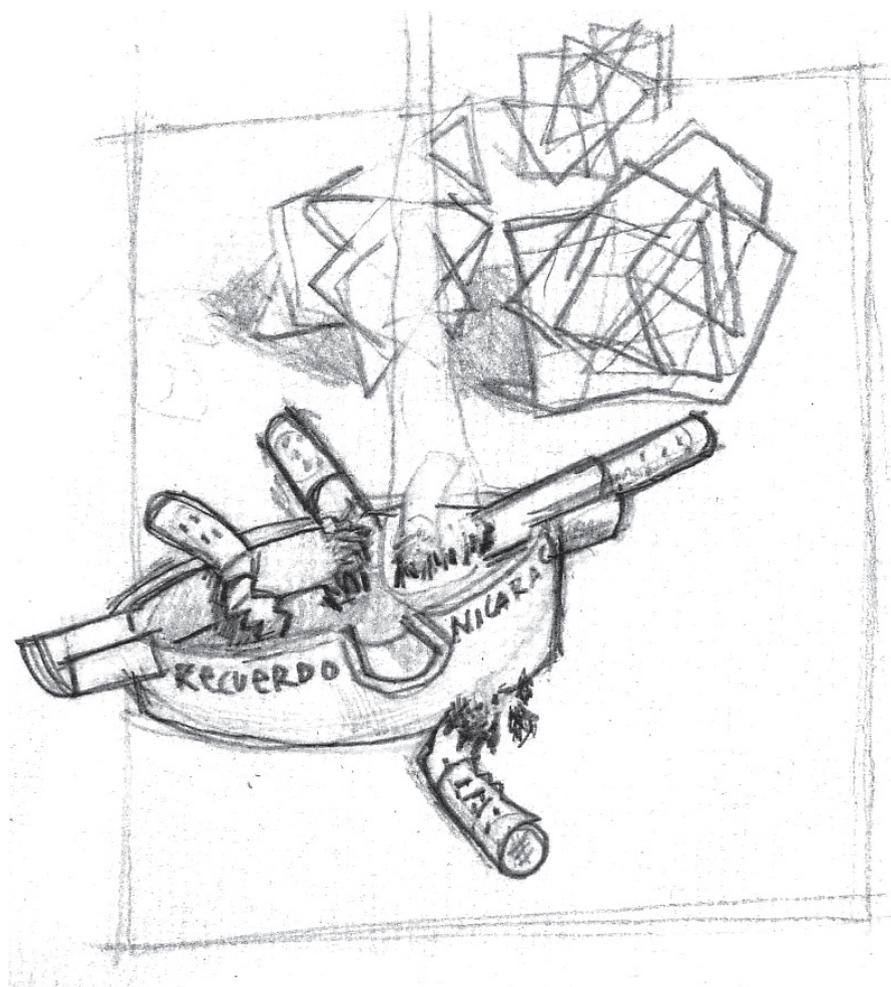
Depois de muita instabilidade, as revoluções tecnológicas acabaram levando a uma constatação que antes não parecia tão óbvia: a essência do jornalismo continua sendo a reportagem, mas ela precisa passar por um processo de oxigenação em seus métodos e procedimentos. Quem pode se interessar por Jornalismo Literário hoje em dia? Em princípio, as chamadas audiências cultas, compostas por pessoas que precisam da leitura para melhor se situarem no mundo.

Mas não podemos nos esquecer

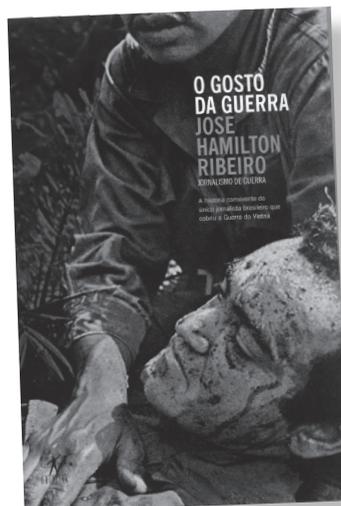
que a leitura não é uma habilidade inata. Ninguém nasce leitor. As pessoas se tornam leitoras por meio de incentivos dados ainda no ensino fundamental, e que levem o indivíduo a acreditar ao longo do tempo que a leitura de textos (de qualquer tipo) pode fazer diferença na vida de alguma forma, conforme o caso. A maioria das pessoas, porém, não atinge esse nível de hábito, ou não vai muito além do processo meramente instrumental da leitura.

Não nos esqueçamos também de que, em um contexto de notícias onipresentes, a informação se tornou uma espécie de *commodity*. A geração de conteúdos exclusivos de alto nível é, portanto, fundamental para qualquer empresa jornalística que queira sobreviver. Nesse sentido, o Jornalismo Literário, assim como o investigativo, se apresenta como um dos caminhos de diferenciação historicamente sólidos.

O público leigo exigente tende a escapar do formato às vezes hermético (da academia), pernóstico (dos colonistas) e superficial (dos noticiários). Aqui e ali, as reportagens especiais de fôlego estão retornando, deixando ainda mais clara a genuína índole do JL, que é fazer com que conteúdo e forma sejam parceiros da mesma aventura — como, aliás, ocorre na boa literatura. ■



Sergio Vilas-Boas é jornalista, escritor e professor especializado em Narrativas do Real. Autor de *Doutor Desafio*, *Biografismo* e *Perfis*, entre outros. Também mantém o site www.sergiovilasboas.com.br. Vive em São Paulo (SP).



A década de Capote

Depois de sua morte, há mais de 25 anos, o escritor Truman Capote e sua obra voltaram à moda na última década, impulsionados pelo cinema e pela revalorização do Jornalismo Literário

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Em 1948, Truman Capote, com apenas 24 anos, alcançava a glória literária ao lançar, pela prestigiosa editora Random House, *Other voices, other rooms*, seu romance de estreia. O livro vendeu 26 mil exemplares na primeira tiragem e permaneceu nove semanas na lista dos mais vendidos. Fato raro para um autor desconhecido. Depois disso, Capote se tornou o *enfant terrible* das letras americanas. Mas, como se sabe, o escritor morreu no limbo, à margem do sucesso mundial que conquistou depois que escreveu sua obra-prima, o romance de não ficção *A sangue frio*.

Obcecado pelo sucesso, Capote certamente adoraria ver sua obra festejada novamente, como tem acontecido no Brasil e em outros países. A primeira década dos anos 2000 representou uma espécie de redenção para o escritor que foi considerado o maior escândalo de sua época. Em 2005, seu primeiro livro, *Travessia de verão*, escrito quando Capote tinha 22 anos, é finalmente publicado, depois de ser “achado” pelo seu antigo zelador em meio a caixas de objetos

com pouca serventia na antiga residência do Brooklyn Heights, onde o autor morou nos anos 1950. Em 2006, o filme *Capote*, de Bennett Miller, baseado na biografia de Gerald Clarke, catapultou de vez a literatura do escritor americano a um novo estrelato — Philip Seymour Hoffman ganhou o Oscar pela interpretação de Truman Capote. *In-famous*, um filme bem menos festejado, também se dedicou a recriar a investigação que deu origem ao clássico *A sangue frio*. Meio século depois de Capote ter colocado seu talento a serviço do cinema americano, escrevendo roteiros para filmes como *O diabo riu por último*, dirigido por John Huston, Hollywood retribuiu seu empenho produzindo obras sobre seu legado como escritor.

“Quando um escritor morre, o interesse por seu trabalho normalmente desaparece por vários anos. Se ele é bom — e tem sorte —, uma nova geração, eventualmente, o descobre. Truman Capote morreu em 1984, e uma nova geração o descobriu. O filme *Capote*, que foi adaptado a partir do meu livro, ajudou muito nessa redescoberta. Os jovens viram o filme e começaram a ler os livros de Truman novamente”, diz Gerald Clarke, que trabalhou durante 13 anos na biografia do escritor.

O livro acaba de ganhar nova edição nos Estados Unidos, corroborando as suspeitas de Clarke sobre a “redescoberta” de Capote por uma nova geração de leitores. “O interesse por Truman Capote é mundial. Eu recebo muitos e-mails de pessoas da América do Sul, Europa e, até, do Oriente Médio. Os livros de Capote já foram traduzidos para muitas línguas. Meu próprio livro está disponível em cerca de quinze línguas, incluindo japonês, grego e polonês, assim como em todos os princi-

pais idiomas europeus”, revela Clarke, que foi convidado a escrever a biografia de Capote depois de ter feito um perfil do escritor para a revista *Esquire*.

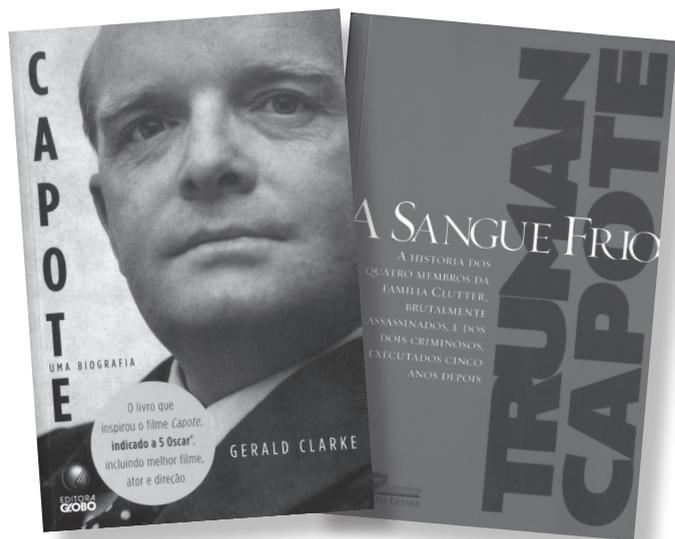
Esse entusiasmo mundial pela literatura de Capote reverberou no mercado editorial brasileiro. Na última década, além de uma nova edição da obra-prima do escritor, *A sangue frio* — esgotada havia anos —, a produção ficcional de Capote também foi resgatada. Isso inclui uma nova edição de *Bonequinha de luxo*, uma coletânea com seus melhores contos (*20 contos de Truman Capote*) e a publicação de dois livros até então inéditos por aqui, o romance de formação *Travessia de verão* e *Súplicas atendidas*, o *roman à clef* inacabado que Capote pretendia transformar em sua versão moderna de *Em busca do tempo perdido*. Some-se a isso novas edições de suas coletâneas de textos jornalísticos, *Os cães ladram* e *Música para camaleões*, e uma reunião desses

dois livros em um único volume, publicada recentemente com o nome de *Ensaios*. E, claro, não se pode esquecer da segunda edição da biografia escrita por Gerald Clarke, publicada no rastro do sucesso do filme de Bennett Miller, em 2006.

Uma possível explicação para o ressurgimento de Capote é a revalorização do jornalismo literário, gênero em que *A sangue frio* é referência. “Desde seu lançamento por aqui, Capote nunca deixou de ser lido. *A sangue frio*, por exemplo, esteve esgotado por vários anos. Quem o lia? Certamente os estudantes de jornalismo, ao ouvirem a citação de um ou outro professor sobre um modo diferente (daquele tradicional, chamado ‘objetivo’ ou ‘piramidal’) de fazer jornalismo. Por se tratar de obra de referência, possivelmente venderá sempre”, opina Celso Falaschi, professor do curso de pós-graduação da Associação Brasileira de Educação e Jornalismo Literário (ABJL).



CAPA | JORNALISMO LITERÁRIO

**Ficando rico e famoso**

Sucesso que, diga-se de passagem, Capote perseguiu desde o dia em que entrou na redação da revista *Mademoiselle*, em 1945, dizendo que não iria embora antes que algum editor lesse o conto que tinha em mãos. A ousadia do garoto pretensioso tinha um porquê. Durante anos, Capote tentou colocar, sem sucesso, sua prosa na prestigiosa revista *The New Yorker*, onde trabalhou como *office-boy* e foi despedido por insultar o poeta Robert Frost, àquela época uma instituição da poesia americana. Desiludido com o veículo que julgava ser o mais apropriado para sua estreia literária, Capote se rendeu a revistas menos badaladas, como *Harper's Bazaar* e *Esquire*. Foi a porta de entrada do jovem escritor na literatura. Com uma sequência de bons contos, Capote logo foi alçado à condição de grande revelação das letras americanas, mesmo sem ter sequer um livro publicado. “O mais notável talento surgido este ano foi Truman Capote, um jovem de Nova Orleans que acabou de atingir a maioridade. Podemos prever com segurança que o senhor Capote terá o seu lugar entre os melhores contistas da nova geração”, disse, em 1946, Herschell Brickell, editor do anuário “Contos do Prêmio O. Henry Memorial”, concurso que Capote, anos mais tarde, venceria duas vezes.

Em 1947, a revista *Lifé* fez uma matéria com os principais nomes da nova

geração americana e Truman, mesmo sem ter feito sua estreia oficial em livro (*Other voices, other rooms* só sairia em 1948), dominou a matéria, com uma foto de página inteira ilustrando artigos sobre sua ainda incipiente, mas promissora, prosa. A mistura infalível de talento, carisma e *marketing* pessoal começava a dar resultados.

“Capote era um grande escritor. Deve-se ressaltar a preocupação estilística dele, mesmo nas produções mais curtas. Esse cuidado sempre está presente na obra dele, seja na literatura de realidade, seja literatura de ficção”, diz Falaschi.

Mas ainda que tenha feito bastante sucesso com seus livros de ficção, primeiro com *Others voices, others rooms* e, na sequência, com as novelas *A harpa de erva* e *Bonequinha de luxo*, foi com um livro jornalístico, de não ficção, que Capote conquistou fama mundial como escritor.

Em um momento de crise na literatura ficcional dos Estados Unidos, o romance de não ficção de Capote, como o autor chamou *A sangue frio*, revitalizou a literatura americana ao transformar uma história aparentemente sem muita repercussão (o assassinato de uma família no interior do Kansas) em uma verdadeira obra-prima. Depois de cinco anos e meio dos assassinatos, Capote publica seu trabalho, de forma seriada, na revista *The New Yorker*, a mesma que o exnotou quando era apenas um aspirante a escritor.

Mas, segundo Gerald Clarke, Ca-

pote não se frustrou por seu trabalho jornalístico, de alguma forma, ter superado sua produção ficcional. “Ele também considerava *A sangue frio* sua obra-prima”, frisa o biógrafo. Além de mundialmente famoso, o livro fez de Capote um homem rico. “Um livro num novo formato rende dois milhões de dólares para Truman Capote”, era a manchete do *New York Times* em 1966, logo após a publicação do livro. O jornal calculou que Truman ganhou quatorze dólares e oitenta centavos por palavra escrita. Dinheiro e fama. Era a combinação perfeita para uma pessoa como Capote, que, desde o início da carreira, se relacionou com um amplo leque de escritores, artistas e figuras da alta sociedade.

Mesmo não sendo a obra inaugural de um novo gênero literário, como Capote afirmava, *A sangue frio* é sem dúvida um livro monumental. Antes de Capote, vários escritores, quase todos oriundos das redações, haviam tentado vestir os fatos com as cores da ficção. Mas Capote foi o primeiro romancista de estatura a arriscar seu tempo, seu talento e sua reputação em um trabalho tão longo de reportagem.

Mas, se *A sangue frio* representou o ápice do sucesso do escritor, também foi o começo do fim. Depois dele, Capote nunca mais conseguiu terminar um livro, deixando incompleto *Súplicas atendidas*, o romance pretensioso que fez dele um pária social ao revelar segredos dos ricos de Manhattan. Apenas três capítulos vieram à tona até a morte do escritor, que durante seus últimos anos de vida sucumbiu ao álcool e às drogas, escrevendo pouco ou quase nada entre a metade dos anos 1970 e 1984, quando morreu em Los Angeles, na casa da fiel amiga Joanne Carson.

“Truman Capote, muitas vezes, era puro sofrimento emocional, mas quando ele estava bem, transformava sua própria vida e a vida daqueles ao seu redor em uma aventura de alta velocidade, uma viagem inebriante por terras desconhecidas”, afirma Clarke, que de biógrafo virou amigo do grande escritor que admirava. ■



Tom Wolfe, esteta do Novo Jornalismo americano dos anos 1960



George Orwell, autor de relatos sobre a vida de miseráveis em Paris e Londres



Norman Mailer, vencedor do Pulitzer

Viagens ao coração da América

DA REDAÇÃO

Surgido no vácuo de um período de crise do romance americano, o *new journalism* revelou escritores que, nos anos 1960, revolucionaram as letras americanas com livros que tinham como matéria-prima as muitas mudanças culturais que estavam em curso no país à época. Nomes como Truman Capote, Tom Wolfe, Jimmy Breslin, Hunter Thompson e Michael Herr desprezaram os preceitos fundamentais do jornalismo moderno (o famoso *lide*, com suas perguntas “o quê”, “quem”, “quando”, “como”, “por quê” e “onde”) para produzir matérias que em nada se diferenciavam de peças literárias. O *lide* e *sublide*, para esses escritores, não davam conta de mostrar tudo aquilo que se passava nos Estados Unidos: a Guerra do Vietnã, o *rock' n' roll*, as drogas, os *hippies*, a ascensão e queda de Kennedy, etc. Assim, nasceram obras-primas

como *Fama e anonimato*, de Gay Talese, *A sangue frio*, de Truman Capote, *Medo e delírio em Las Vegas*, do criador do jornalismo Gonzo, Hunter S. Thompson, e *Despachos do front*, de Michael Herr. Valendo-se de elementos da narrativa de ficção para contar fatos jornalísticos, esses escritores tiveram na imprensa americana, principalmente em revistas como *The New Yorker*, *Rolling Stone* e *Esquire*, a plataforma ideal para a literatura que praticavam. Grande parte dos livros dos “novos jornalistas” foi originalmente publicada de forma seriada nos magazines americanos, para só depois ganhar o formato livro. Ainda que o termo “novo jornalismo” seja altamente contestável, já que para muitos críticos o novo estilo não era novo e também não poderia ser considerado jornalismo, mas sim literatura, não resta dúvida que os anos 1960 foram um período extremamente fértil das letras americanas. ■

Hunter Thompson, ícone do Jornalismo Gonzo



Os sertões: clássico que nasceu do jornalismo



Euclides da Cunha, que cobriu o conflito de Canudos, para o jornal *O Estado de S. Paulo*.

Além do caráter multidisciplinar de *Os sertões* — entendido como uma obra de sociologia, geografia e história —, ao livro de Euclides da Cunha (1866-1909) é atribuído outro mérito: o de ter antecipado aquilo que décadas depois viria a ser chamado de jornalismo literário. O livro trata da guerra de Canudos, ocorrida no interior da Bahia, entre 1896 e 1897, e nasceu a partir de uma série de reportagens que Euclides fez sobre o conflito para o jornal *O Estado de S. Paulo*. As reportagens foram publicadas regularmente entre 23 de agosto e 25 de outubro de 1897 e serviram de base para o “volume”, publicado cinco anos depois, pela Laemmert & Cia. Editores. Euclides da Cunha, a pedido do dono de *O Estado S. Paulo*, Júlio Mesquita, foi nomeado adido (um funcionário militar não efetivo) do Estado Maior do ministro da Guerra, Carlos Machado, para acompanhar a comitiva do exército que iria até Canudos dar um final sangrento à guerra. O escritor tinha sido tenente do exército, mas à época de Canudos estava

reformado. Euclides da Cunha também já atuava em jornais, especialmente em *O Estado de S. Paulo*, como articulista favorável à República — posição que ficou evidente nas reportagens que fez sobre Canudos e também em *Os sertões*. Uma nota publicada em 30 de julho de 1897, no jornal *O Estado de S. Paulo*, esclarece a viagem do seu correspondente:

“[...] O ilustre moço, que é um dos nossos mais distintos colaboradores, partirá para o Rio no vapor em que embarcar o 1º batalhão. Por contrato firmado com esta empresa, o dr. Euclides Cunha [sic] nos enviará correspondências do teatro das operações e, além disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado em volume. O dr. Euclides da Cunha é, como todos nossos leitores sabem, um escritor brilhante e perfeitamente versado nos assuntos que vai desenvolver. O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá um valioso documento para a história nacional”. ■

O poder das capas

Mais do que simples detalhes, capas e projetos gráficos são objeto de fetiche para muitos leitores e podem determinar o sucesso de um livro

GUILHERME SOBOTA

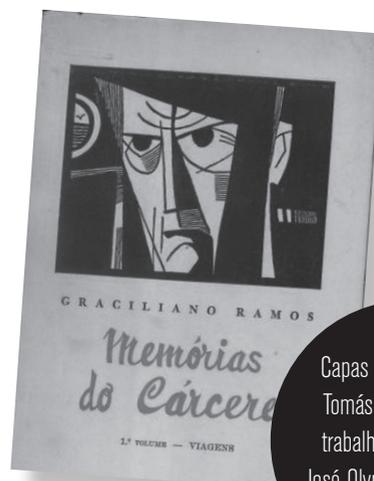
“Uma capa é feita para agredir, não para agradar”. A frase é de Eugênio Hirsch, austríaco radicado no Brasil, considerado um dos fundadores do design gráfico no país. Ao lado do editor Ênio Silveira, Hirsch foi responsável pelo trabalho gráfico da Editora Civilização Brasileira na segunda metade do século XX, quando inovou ao aliar de maneira definitiva o conteúdo editorial ao trabalho gráfico nos livros. Consta que sua capa para *Lolita*, romance lançado no Brasil em 1959, foi considerada pelo próprio Vladimir Nabokov a melhor capa feita para o livro no mundo todo.

“A qualidade do projeto gráfico pode ser bastante decisiva no sucesso editorial de um livro”, diz o designer e arquiteto Eduardo Darshan, que realiza projetos gráficos e capas para grandes editoras. “Ela pode e deve conferir à obra maior clareza, coerência e estética diferenciada.”

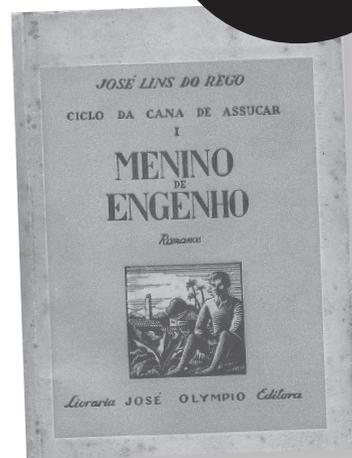
Embora não compre livros apenas por conta do projeto gráfico, o revisor Arthur Tertuliano diz que uma



O macaco que se fez homem, de Monteiro Lobato, lançado em 1923; retrato da efervescente indústria editorial que o autor ajudou a promover.



Capas feitas pelo artista Tomás Santa Rosa, que trabalhou com a editora José Olympio, entre os anos 1930 e 1950.

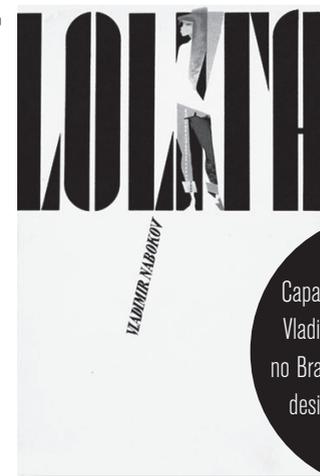


capa caprichada pode ser um diferencial na hora da dúvida. “Se não conheço o título, o autor ou a editora, essa é praticamente a única chance que o livro tem para chamar minha atenção na livraria”, diz. “Há também casos em que comprei um livro que já possuía só por causa do novo projeto gráfico: caso de *Bartleby*, um escrivão, de Herman Melville, da ‘Coleção Particular’, lançada pela Cosac Naify.”

Paradoxalmente, caprichar “demais” no tratamento gráfico pode gerar problemas, pois isso vai interferir no preço final do produto. “Boa parte do nosso trabalho é chegar a soluções inteligentes

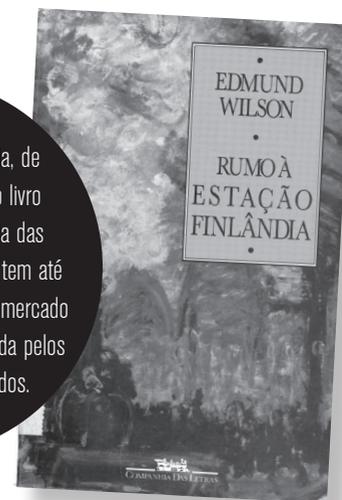
adequadas ao processo industrial de produção de um livro, para que ele possa ter um diferencial sem ser caro”, diz Elaine Ramos, diretora de arte da Cosac Naify, editora que se notabilizou pelo tratamento gráfico apurado de seus livros. “Claro que a qualidade dos materiais e acabamento normalmente implicam em custos, mas muitas vezes a questão de ser caro é um mito.”

Elaine explica que o trabalho próximo e integrado entre os setores editorial e gráfico da Cosac é o diferencial da editora. “Nossa particularidade vem do fato de a editora ter uma equipe de criação gráfica interna. A maio-



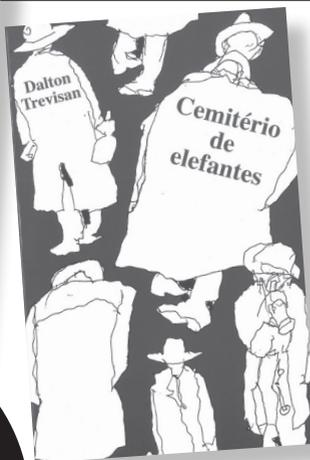
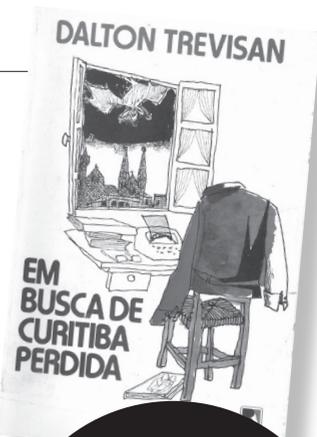
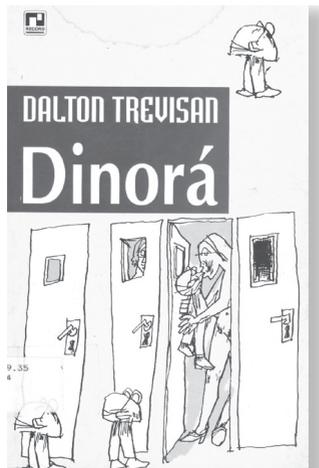
Capa do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, lançado no Brasil em 1959, feita pelo designer Eugênio Hirsch.

Rumo à estação Finlândia, de Edmund Wilson, primeiro livro publicado pela Companhia das Letras, em 1986. A editora tem até hoje um papel relevante no mercado editorial, também notabilizada pelos projetos gráficos apurados.

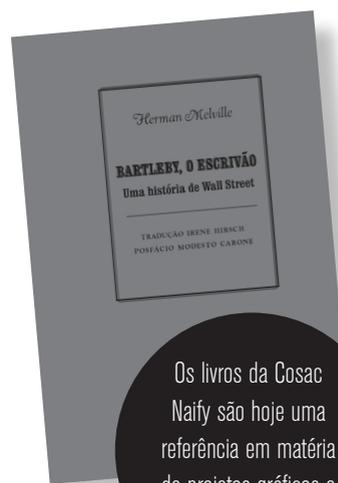


ria das outras editoras trabalha com ‘capistas’ terceirizados: o miolo é padrão e o designer é chamado para resolver um campo bidimensional, com formato preestabelecido, que é a capa.”

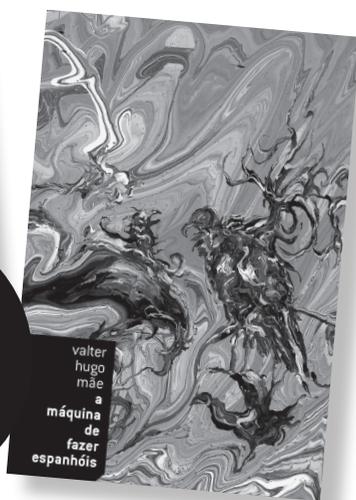
Eduardo Darshan afirma que a elaboração de uma capa não é um processo criativo totalmente livre, na maior parte dos casos. “Existe um padrão a ser seguido, da editora e também da coleção ou série em que o livro está inserido”, explica. Lombadas, posicionamentos de logomarcas e quarta-capas também interferem no trabalho final. “As editoras também têm perfis de mercado distintos, algumas



Duplas de escritores e ilustradores também deixaram marcas na história editorial brasileira: Dalton Trevisan e Poty Lazzarotto protagonizaram uma das mais profícuas parcerias.



Os livros da Cosac Naify são hoje uma referência em matéria de projetos gráficos e design de capas.



voltadas mais para a arte, outras com foco nos títulos mais comerciais, jurídicos, clássicos, etc. É preciso levar em consideração o público-leitor do livro”, diz Darshan.

“Como leitor, acho capa muito importante”, opina o escritor e ilustrador Lourenço Mutarelli. “O problema é que para os capistas — como eu —, os prazos geralmente são muito curtos e a grana é muito baixa.” Mutarelli tem larga experiência na produção de capas para livros, em 2011, por exemplo, produziu a elogiada ilustração que estampa *a máquina de fazer espanhóis*, livro do escritor português valter hugo mãe.

História

Monteiro Lobato, considerado o fundador do mercado editorial brasileiro, também foi pioneiro em questões gráficas envolvendo o objeto livro. Em 1920 o escritor inaugurou a Monteiro Lobato & Cia, que passou a ocupar posição destacada entre as editoras devido às técnicas apuradas de *marketing*, seleção de autores e projeto gráfico.

Nos anos 1940, a editora José Olympio se destacou no mercado editorial, entre outras coisas, por dar atenção especial ao projeto editorial de seus livros. O ilustrador e artista gráfico Tomás Santa Rosa, ao lado de nomes como Cândido

PASSO A PASSO DO TRABALHO DE UM CAPISTAS

Eduardo Darshan, que já fez capas para livros de autores como Graham Greene e Aldous Huxley, ambos lançados pela Editora Globo, lista abaixo alguns passos da rotina de um capista.

Leitura do livro, resumos e críticas.

Pesquisa sobre outras capas feitas para o mesmo livro — no caso de livros editados em outros idiomas, mais antigos ou reedições.

Maturação: fase mental em que começam a aparecer caminhos criativos e possibilidades para a capa — essa etapa ocorre durante todo o processo.

Pesquisa de imagens: fotos em bancos de imagens, ilustrações, imagens abstratas, etc. Eventualmente pode-se chamar um ilustrador ou fotógrafo para realizar uma ideia.

Exploração tipográfica: escolha de fontes adequadas que componham a capa. Algumas capas podem ser bem resolvidas apenas com uso da tipografia.

Composição de opções de capa: exploração dos caminhos criativos e das possibilidades vindas da pesquisa de imagens e tipográfica.

Definição e exploração de recursos de impressão — relevos, texturas, papéis, acabamentos, cores, etc.

Portinari, Cícero Dias e Poty Lazzarotto, montou capas e projetos gráficos inovadores para livros de José Lins do Rego, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, todos autores da José Olympio à época. O pesquisador inglês Laurence Hallewell, autor de *O livro no Brasil* (1985), afirmou que “os livros com o sinete editorial da José Olympio logo começaram a destacar-se da insípida mediocridade de seus concorrentes, pois o editor dedicava cuidadosa atenção ao projeto gráfico”.

“O Brasil já teve vários momentos em que é possível identificar um salto qualitativo no mercado editorial. Monteiro Lobato e Tomás Santa Rosa, junto

com Eugênio Hirsch na Civilização Brasileira, são alguns bons exemplos”, lembra Elaine Ramos, da Cosac. “Nos anos 1990, o mercado ficou mais competitivo e as editoras tiveram que se reinventar. A Companhia das Letras teve um papel proeminente nesse período.”

Para Eduardo Darshan, a tecnologia e a internet aceleraram e facilitaram muito o processo de editoração, ampliando as possibilidades do mercado. “A facilidade da pesquisa online, a grande variedade tipográfica à mão e a comunicação instantânea são alguns exemplos de recursos que permitem a exploração de um número maior de possibilidades de *layout*.” ■



PERFIL DO LEITOR | FERNANDO KLÜPPEL

Salvo por Robinson Crusóé

Fotos: Irineo Baptista Netto

Como o clássico de Daniel Defoe sobre um naufrago em uma ilha deserta mostrou as engrenagens da vida para um menino de 9 anos



IRINÉO BAPTISTA NETTO

Que a vida de leitor do meu tio tenha engrenado com o relato de um naufrago, um homem isolado numa ilha, não é acidente. Tinha só nove anos e não se deu conta disso na hora, mas *Robinson Crusóé* foi uma das primeiras vezes que alguém mostrou a ele como a vida funciona. A vida interior.

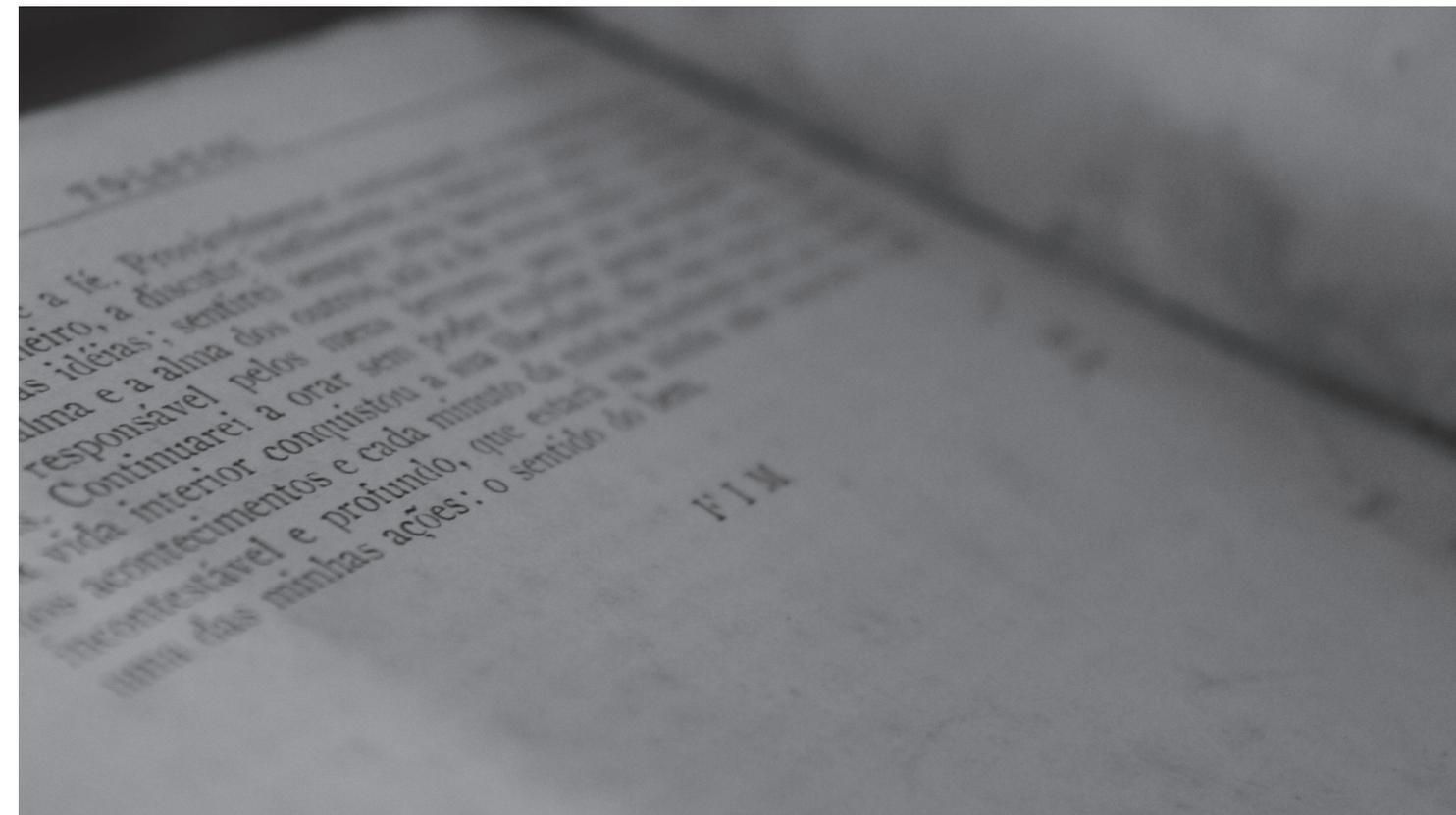
Havia lido outros livros antes — lembra mais ou menos de uma história de aventura em floresta —, mas nenhum o marcou da forma como o primeiro romance publicado por Daniel Defoe em 1719, quando o autor tinha 59 anos. Os mesmos 59 que meu tio tem hoje.

Fernando Klüppel Batista, meu tio, é uma espécie de leitor em extinção. Ele encara a leitura como um momento muito, muito íntimo. Mas isso é regra entre leitores. Ele é raro porque, embora conviva com livros há mais de meio século, não é o tipo de leitor que organiza a vida em torno da literatura (não que haja algo errado nisso). Então não espere que ele saia por aí tentando converter quem não lê ou que se preocupe com as baixíssimas taxas de leitura do Brasil. Não faz o estilo dele.

Fernando lê da forma como outros assistem à televisão: é parte da rotina. Ele não mantém controle sobre o tempo que passa lendo nem se preocupa com o número de páginas que avança numa noite, no entanto, tem dificuldade de imaginar uma vida sem poder sentar no canto direito do sofá da sala, com um livro na mão, ao lado do abajur que ele e minha tia ganharam há 35 anos como presente de casamento.

No esquema da família, meu tio viveu um tipo de isolamento. É cinco anos mais novo que os três irmãos nascidos antes dele e, em relação aos dois que vieram depois, a diferença também é de cinco anos.

Os grupos se organizaram entre os mais velhos e os mais novos, deixan-



do Fernando no meio, pequeno demais para interagir com os maiores, grande demais para se aproximar dos menores. O isolamento do meu tio o colocou em sintonia com o isolamento de Crusóé.

Depois dessa experiência transformadora, nunca se afastou dos livros, que o acompanharam na escola, no curso de Engenharia Civil, no trabalho, no casamento e, agora, na aposentadoria. Onde quer que ele vá.

Meio século de leituras deu ao Fernando uma noção profunda de humanidade (*Guerra e paz*, do russo Liev Tolstói, está entre os seus favoritos) e de História (*Ascensão e queda do Terceiro Reich*, de William L. Shirer, idem).

Ele diz gostar de Tolstói pela “postura” do escritor. “Apesar de ser membro da elite russa, sempre combateu a exploração das classes mais pobres, que era maioria absoluta na Rússia de seu tempo”, explica, citando uma frase do autor de *Anna Kariênina* que sintetiza essa ideia: “Os ricos fazem tudo pelos pobres, menos descer de suas costas”.

Outro autor que o marcou é Jack London, de *Caninos brancos* e *O lobo do mar*, uma admiração tanto pela vida do norte-americano, que sobreviveu ao diabo no início da carreira com percalços familiares e de saúde, quanto pelas obras.

Quando se prepara para ler qualquer coisa, ele tira do bolso da camisa um par de óculos pequenos, de aro preto, e o arruma na ponta do nariz. Faz isso com os livros de papel e, nos últimos quatro meses, passou a fazê-lo também com o seu leitor digital, um aparelho simpático pouco maior que um celular grande. Ele não liga para novidades tecnológicas (muito menos para celulares grandes), mas não demorou nada para se adaptar ao leitor eletrônico.

“Tenho até sentido preguiça de segurar um volume de papel com as duas mãos”, diz. Na verdade, o aparelho é um investimento valioso que permite a manutenção da biblioteca do meu tio limitada a 300 volumes (a maioria, herança familiar), guardada em um armário de 1 metro de altura por 1 metro de largu-

ra e meio metro de profundidade. Se os livros tomassem conta da casa, as despesas matrimoniais seriam inevitáveis.

E o raciocínio é matemático. Brincando, meu tio explica que o leitor digital permite guardar em um espaço de 150 centímetros cúbicos o que normalmente ocuparia 500 mil centímetros cúbicos. “Sem falar que, no inverno, dá para deixar só uma mão para fora das cobertas”, diz.

Faço uma pergunta típica de jornalista para saber quais são os gêneros de que ele gosta mais, se prefere ficção ou não-ficção, e a resposta é outra pergunta: “Ficção real existe?”, diz, rindo.

Leitor de narrativas jornalísticas, prefere os livros sobre guerras, enquanto, nos romances, gosta de entrar na cabeça dos personagens e entender suas motivações.

A certa altura da conversa-entrevista, lá pelo terceiro café, diz que eu o faço falar mais do que qualquer outra pessoa (e não só por causa do perfil no *Cândido*). Faz sentido. Mais do que qualquer outra pessoa, eu gosto de ouvi-lo falar. ■

Meu nome é Temístocles Jumonji. Eu nasci na localidade de Santos, nos idos de 1966. Mais ou menos. Mas fixei residência aqui em São Paulo há praticamente três décadas. Eu não gosto de negros. A minha mãe é negra e eu sou quase negro, e meu irmão, que cai em pé e corre deitado, é mais pro japonês igual ao meu pai. Por isso é que o meu irmão comeu a Madonna quando ele foi modelo na capa do disco dela. O nome do meu irmão é Aristóteles Jumonji e eu tenho um outro irmão, que eu só conheci depois de grande. Ele tem outra mãe diferente. É o Demóstenes, que eu não sei se ele pegou o sobrenome Jumonji do meu pai também. Eu só o conheci depois. Minha mãe morreu. Eu não sei se eu gosto dela, disso dela ser negra e eu ser quase negro e o Ari ser japonês, todo bonitinho. Japonêsinho. Quando ele era pequenininho, as meninas do teatro ficavam com ele no colo, alisando ele. Eu sou recalçado. Lá lá lã, recalçado anda de caminhão. Lá lá lóvel, recalçado anda de automóvel. Lá lá leite, recalçado anda de *skate*. Eu sou esquizofrênico. Sabe? Eu sou esquizofrênico. Como vai o seu avô? Estou com muitas saudades do seu avô. O Demóstenes não tem nada de negro. A mãe dele não era negra e o meu pai é japonês. A minha mãe era negra, era neguinha. Não gosto de neguinha. Isso é uma das razões de eu ser esquizofrênico, louco, uma loucura mais parecida com a do George Harrison.

O Ari, o meu irmão, o Aristóteles, foi campeão mundial de *skate* e apareceu na revista junto com o Tony Alva, os dois do mesmo nível, o Ari e o Tony Alva.

Quando eu morava em Ubatuba, naquele barraco que a minha mãe neguinha morava, eu e o Ari tínhamos um monte de pôsteres do Tony Alva na parede e figuras adesivas fosforescentes autocolantes do Tony Alva coladas no *skate* da gente. Agora o Ari apareceu na revista de *skate* junto com o Tony Alva, os dois abraçados. Os dois do mesmo nível. Na revista americana. Nos Estados Unidos. E eu

O QUE SERÁ QUE SE PASSA NA CABEÇA DE UM SUJEITO NESSAS CONDIÇÕES?

André Sant'Anna

aqui, nessa loucura do George Harrison, sem nada. Eu não tenho nada. O Ari lá no pôster da revista com o Tony Alva e eu não tenho nada. O Ari já tem 40 anos. Ele não é mais um japonêsinho. Ele cresceu, é musculoso, é modelo de foto de moda pra *skatista*. O Ari foi campeão mundial de *skate*. Eu tenho uns 45.

Eu já fui campeão brasileiro *freestyle*. Depois foi o Ari que começou a ganhar todos os campeonatos — rampa, *freestyle*, tudo. O Ari cresceu, sabe? Sua irmã também deve ter crescido. O Ari está preso em Los Angeles. Eu não tenho nada e ainda estou devendo uma pedra para o meu corpo. Ou então eu tenho que morrer e ir para o Japão. Ou então eu tenho que tomar um TaffMan E, porque eu estou ficando brocha com o remédio que tenho que tomar e, se paro de tomar o remédio, o meu pai me bota pra fora e eu tenho

que trocar de emprego toda hora, dar aula de inglês, trabalhar na lavanderia, ser copiloto de helicóptero. Esta camisa que estou usando é feita especialmente para pilotos de helicópteros. Eu sou um copiloto de helicópteros. É melhor ser louco do que ser brocha. Se o meu pai me bota pra fora, eu não tomo mais remédio e sou acometido por surtos psicóticos e vou parar na clínica, hospital público cheio de mendigo. Depois, acabo aqui jogado e vou ficando cada vez mais mendigo e a minha perna esquerda está em péssimas condições e eu não consigo mais andar de *skate*, nem lutar *kung-fu*, nem dançar igual ao John Travolta e nem jogar *basketball*, e nem trabalhar no McDonald's, com o cabelo verde debaixo da touca do McDonald's e lavar o chão do McDonald's, na Avenida Paulista, com o esfregão, dançando igualzinho ao Gene Kelly na poça de água com de-

tergente, de um jeito que dava até para fazer um comercial do McDonald's, porque eu ganhei todos os concursos de dança nas discotecas, em Ubatuba, nas Brincadeiras do TCC, em Taubaté, porque eu sempre dancei muito bem mesmo e eu andava de *skate* e eu lutava *kung-fu*. Eu sou do Bronx.

Fiquei em primeiro no campeonato, em Guaratinguetá, e ganhei também em Pinda. *Freestyle*. Mas eu tive que abandonar o ramo do *skate* e agora estou mergulhado na atividade, na produção, no ramo de estofamento para mísseis. Eu tive que parar por causa da minha perna. Veja, note bem, veja como está a minha perna esquerda, o sangue. E o Ari é o campeão mundial, junto com o Tony Alva, e é modelo de comerciais e comeu a Madonna. Eu podia ser também, quando eu fui para os Estados Unidos, *do you understand me?* Mas a perna... Olha só o sangue na minha perna. O sangue saindo.

O Ari cresceu muito. Nos Estados Unidos, ele foi para um lado ser campeão mundial de *skate* e modelo com o Tony Alva e eu fui para o outro lado, para a NASA. E o meu pai foi para um terceiro lado com aquela mulher, aquela latina. Meu pai gosta de neguinha, de latina. Ele se mistura com neguinha e quem nasce sou eu, japonês e meio preto, com esse cabelo, que já foi verde, quando eu era meio *punk*, New York Dolls, Devo, Madame Satã, Inocentes, ba ba ba, ba ba ba. O cabelo do Ari é lisinho, é cabelo de japonês. O Ari cresceu muito. Ele ficou preso e ficou forte de tanto fazer ginástica na prisão. A prisão é um lugar bastante apropriado para a prática da musculação, objetivando o aperfeiçoamento físico. Mente sã em corpo sã. O Ari virou modelo, sem camisa, andando de *skate* em New York City. Como vai a sua irmã? Ela também cresceu? Vou dar uma prancha de *bodyboard* de presente pra ela. Ela ainda é surfista? Ela já foi campeã mundial de *bodyboard*? Mas antes eu tenho que comer carne, tenho que tomar TaffMan E, porque eu estou ficando brocha. Ontem, de noite, na academia,

Ilustração: José Marconi



André Sant'Anna é escritor, músico, roteirista de televisão e redator publicitário. Autor da trilogia *Amor* (1998), *Sexo e Amizade* (1999), *O paraíso é bem bacana* (2006) e *Inverdades* (2009). Vive em São Paulo (SP).

entraram dois soviéticos e jogaram cocaína, maconha e crack no meu lado esquerdo. Jogaram crack na minha cara. Olha só como ficou o meu lado esquerdo. O lado esquerdo da águia. O lado esquerdo do samurai. O sangue saindo da minha perna esquerda. Eram dois soviéticos. Os mesmos que explodiram aquela nave que explodiu na NASA, em Cabo Canaveral. Tinha um astronauta japonês no ônibus espacial. Foi por isso que os soviéticos agora querem acabar com o meu lado esquerdo, o meu joelho, a minha perna esquerda. Porque eu sou japonês. Porque eu sou o samurai. Sabe? Com a perna assim, eu não vou poder ser campeão mundial de *skate* e não vou sair no pôster com o Tony Alva. Eu amo a Sabine, mas ela ama o Rei da Inglaterra, que antes, na Flórida, era o meu melhor amigo. E eu estou brocha por causa do remédio para esquizofrênicos que o Doutor Luís me dá quando eu vou lá na clínica dos mendigos. Mas quando eu não estou sendo campeão brasileiro de *skate*, nem jogando *basketball* no Chicago Bulls, ou na Seleção Ubatubense de Basquete, ou dançando igual ao John Travolta, ganhando todos os concursos de dança nas Brincadeiras do TCC, em Taubaté, ou sendo um grande ator dos palcos brasileiros, com domínio absoluto sobre todos os músculos do meu corpo, preciso nos movimentos, trabalhando o personagem como se meu corpo fosse uma marionete manipulada pelo meu cérebro de ator, um grande ator, o melhor, eu sou mendigo. O meu primo me viu na rua, eu utilizando trajes apropriados para um mendigo, e meu primo chorou quando me viu. Você também está com vontade de chorar?

Foi lá nos Estados Unidos que a NASA e o Rei da Inglaterra me pegaram e fizeram isso com o meu lado esquerdo, a minha perna esquerda. Flórida, Califórnia, Ohio, New York e adjacências. São experiências terríveis com o lado esquerdo da pessoa. O lado esquerdo da águia. Para enfrentar essas terríveis atrocidades é necessário usar os trajes do lado esquerdo da águia: um conjunto completo de roupa indicada

CONTO

para as práticas do mergulho livre e do *surf* em temperaturas abaixo da temperatura ideal, além de óculos escuros no formato pentagonal e dois facões pontiagudos falsos feitos especialmente para a prática do Maculelê, que o samurai pode obter facilmente em qualquer academia preparada especialmente para a prática da capoeira, esse esporte afro-brasileiro praticado por negros musculosos. Onde fica a farmácia? É chegado o momento. Eu não sou o estranho no ninho. Você pensou que eu fosse o estranho no ninho?

Tente me compreender. Minha estratégia é simples. Primeiramente, preciso dar cabo de minha própria vida. Para isso, basta que eu utilize qualquer veneno indicado especialmente para aniquilar ratos e camundongos. É possível obter produtos dessa espécie em qualquer farmácia ou drogaria do ramo. Mas não se preocupe. O samurai, que sou eu, o lado esquerdo da águia, que sou eu inspirado no consumo de plantas alucinógenas indicadas especialmente por Carlos Castañeda, no deserto de Sonora, México, o samurai será transferido para o Japão, onde vou recuperar a minha espada — é isso, preciso recuperar a minha espada para derrotar a NASA e vingar o japonês do ônibus espacial. No Japão, serei operado pelo meu tio, que é totalmente japonês, em procedimento cirúrgico de extrema delicadeza, onde minha perna esquerda será recomposta e será preparada para o dia da ressurreição com peças feitas especialmente para samurais cibernéticos, tipo Homem de 6 Milhões de Dólares. É quando o samurai, no caso eu, o lado esquerdo da águia, será conduzido em sua glória, pela estrada de Narayama, até o deserto de Sonora, México, América do Norte, Terra, Sistema Solar, Universo, para iniciar os procedimentos invasivos contra a grande potência do Rei da Inglaterra, que tomou do samurai, no caso eu, sua musa amada, a também britânica Sabine, cujos cabelos possuem o odor do abricó. Eu samurai, ex-Abricó, ex-Tecnicolor, seguido por Ovo Frito, Doutor Florzinha

— o Doutor Florzinha é italiano e italiano quando fica nervoso chuta o próprio carro — o Capacete, o Kid Pornô, o Cruz Vermelha, pegarei o rumo do Reino de Mefistófeles, a espada do samurai em punho. Foi o Rei da Inglaterra, o soviético macrobiótico, biscoitinho, biscoitinho, e a NASA, foram eles que tomaram a espada do samurai. Mas quando o samurai, o lado esquerdo da águia, com a espada do samurai em punho, adentrar o reino do Rei da Inglaterra, será tarde demais para as hordas infernais da América do Norte, tarde demais para a NASA.

Sete horas e quatorze minutos, Flórida, Cabo Canaveral: BUM! Onze horas e vinte e cinco minutos, Califórnia, reduzido do Rei da Inglaterra: BUM! Quatorze horas em ponto, Texas: BUM! Dezenove horas e quatro minutos, Ohio: BUM! Vinte e três horas e cinquenta e nove minutos, quase meia-noite, New York City e adjacências: BUM! Não vai sobrar nem o Aristóteles e nem o Tony Alva. Eu amo o meu irmãozinho, eu amava a minha mãe, mas eu não gostava dela, que era neguinha e eu ia nascer totalmente neguinho se o meu pai não fosse japonês.

É preciso haver uma hierarquia. É preciso saber separar o joio do trigo, os nobres dos ignóbeis.

Por um lado, eu: o samurai, o lado esquerdo da águia, um grande ator com domínio absoluto sobre o próprio corpo, um grande bailarino que dança na chuva, de cabelo verde, com a perfeição de Gene Kelly, capaz de reproduzir nos mínimos detalhes todos os passos coreográficos de John Travolta em *Os embalos de sábado à noite*, que domina o estilo da Serpente na prática milenar do *kung-fu*, campeão brasileiro de *skate freestyle*, um grande ator capaz de entreter, sozinho, apenas com a ajuda do próprio corpo, plateias de todos os extratos sociais da população, através de um método desenvolvido pelo próprio samurai, no qual o ator não se envolve emocionalmente com as emoções do personagem, mas manipula essas emoções

como se o personagem fosse uma marionete, domínio absoluto sobre os músculos, sobre a entonação vocal, sobre as emoções em si desse personagem, um grande *skatista* da geração pioneira na prática do *skateboard* em solo brasileiro, composta pelo Yura, pelo Bola 7, o Porquê, o Marcio Mad Rats e outros mais, desde os idos da saudosa Wave Park, praticando o *freestyle* na rua Pandiá Calógeras, na Liberdade, o renomado bairro japonês de São Paulo. Eu sou um japonês que atravessou os Estados Unidos, *coast to coast*, carregando a espada do samurai e meu *skateboard*, até ser detido pela NASA, até ser sacrificado em nome do *american way of life*.

De lá pra cá, diariamente, praticamente todos os dias, os soviéticos e a NASA invadem o espaço da águia, o lado esquerdo da águia, e aplicam drogas de potência descomunal sobre o meu lado esquerdo. Drogas farmacológicas e drogas indicadas para mendigos, como a pedra que transfigura por completo o rosto meio japonês, meio neguinho, do samurai, inutiliza seu joelho esquerdo para a prática do *freestyle* e/ou do *streetstyle* sobre o *skateboard* e o coloca à mercê dos ignóbeis, nesta rua, coberta de lixo e sangue. O sangue que corre sobre a perna esquerda do samurai, o lado esquerdo da águia. Me sinto como um camundongo de cauda comprida, numa sala cheia de cadeiras de balanço.

Por outro lado, os ignóbeis: o povo, humanos de baixa qualidade estética, estética no sentido filosófico da palavra, a classe baixa alta composta de neguinhos sem qualquer consistência intelectual, os mesmos que crucificaram o Cristo, os mesmos que tornaram possíveis as trajetórias sanguinárias de Adolf Hitler, Joseph Stalin, Mao Tsé Tung, General Custer, dispostos a seguir qualquer regra sem fundamento intelectual ou fundamento ético, ausência de fundamentos estéticos, ignóbeis adoradores do dinheiro barato, das merrecas, da violência medieval primitiva.

Esses neguinhos que vêm me cutucar com o porrete, ignóbeis teleguiados pe-

los controladores de cérebros do mercado do dinheiro. O dinheiro que é a manifestação física e especulativa de Satã. Eu de-
testo dinheiro!

Esses adoradores do Cristo errado, que só falam em dinheiro e dinheiro não serve pra nada. Dinheiro serve só para comprar pedra, é um mal necessário, mas é principalmente um mal. O Cristo disse que não era para trabalhar, não era para juntar bens materiais, pensar num futuro material, Olhai os Lírios do Campo, ba ba ba, ba ba ba. O Cristo disse que era para vinde a mim, vinde a ele, ao Cristo, as criancinhas, porque delas é o Reino dos Céus. E os ignóbeis vêm com o porrete e agridem fisicamente, covardemente, as criancinhas cracudas da Cracolândia, que não têm pai, quer dizer, têm, mas era melhor que não tivessem, porque os pais delas são todos monstros abomináveis criados pela sociedade do dinheiro. As criancinhas do Cristo verdadeiro já estão todas mortas, criancinhas mortas pelo dinheiro, pelos mercados futuros, já estão todas cagadas pela falta de lugar onde possam praticar suas necessidades fisiológicas. Elas são caçadas, aqui em volta, dia e noite, por uns neguinhos ignóbeis, que nunca foram grandes atores com domínio absoluto sobre cada músculo de seus corpos, nunca jogaram *basketball* ou foram campeões brasileiros *freestyle*, ba ba ba, ba ba ba. Essas criancinhas cracudas vão acabar se voltando contra a sociedade que as tornou cracudas e que as deseja mortas, com muita dor, muito sangue. Óbvio até para um esquizofrênico cracudo.

Somos todos personagens medievais primitivos de uma tela do renomado pintor holandês Hieronymus Bosch. Eu sou um personagem morto, aquele capetinha com a cara toda retorcida no canto da tela, e eles, os ignóbeis medievais, já estão chegando junto, com aqueles porretes. Ui ui ui, eles querem bater em mim, eles querem me expulsar da área, os ignóbeis particulares e públicos. Ui ui ui, eles estão defendendo as propriedades das pessoas de bem. Ui ui ui, ai, que mêda!?

RETRATO DE UM ARTISTA

CHARLES
BUKOWSKI

Por Rômolo D'Hipólito

Henry Charles Bukowski nasceu em 16 de agosto de 1920, em Andernach, Alemanha. Filho de mãe alemã e pai americano, foi para os EUA dois anos depois. Lá, trabalhou como carteiro, frentista e motorista de caminhão. Seu primeiro livro foi publicado em 1955. Poeta, contista e romancista, construiu uma obra determinada pelo cunho autobiográfico – Henry Chinaski era seu alter ego literário – e pela linguagem coloquial e obscena, marcante em títulos como *Notas de um velho safado*, de 1969, e *Misto quente*, de 1982. Bukowski morreu em decorrência da leucemia, em 9 de março de 1994, aos 73 anos.



Rômolo D'Hipólito
é ilustrador e designer gráfico. Já teve trabalhos publicados na *Gazeta do Povo* e premiados pela *Folha de S. Paulo*. Vive em São Paulo (SP).



O cão e o monge à beira-mar

[tema para o vazio dos céus em Francisco Goya e Caspar David Friedrich]

quando o céu e
a terra
se encontram
o hábito negro
do monge
desaparece
e sem alarde
a imensidão
do céu
forra-se jade

o cão
sonha a cidade
o ouro que
invade
entardece
sombra na
luz cega o
deserto insondável

a alma do cão
o corpo do monge
a água e o pão
sob o sol
alimento e grão
e no mistério
orar
à alma do irmão

vagar
com as vestes
gorjear o
corpo
ser pássaro
noturno
deitar a
alma no verso
cobrir-se de
céu
do sim e do não
ser véu
ser a dor
no abraço ao chão
amar o deserto
amar
ao longe que
além do
vazio há o monge
e o cão

 **Jussara Salazar** é poeta e autora dos livros *Inscritos da casa de Alice* (1999), *Baobá – Poemas de Leticia Volpi* (2002), *Natália* (2004) e *Carpideiras* (2011), contemplado pela Bolsa Funarte de Criação Literária em 2009. Vive em Curitiba (PR).

